



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

REINALÚCIA DA SILVA LIMA

**MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO TRATO DAS DIVERSIDADES RACIAS NAS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES DIANTE DA IMPLANTAÇÃO DA LEI  
10.639/2003**

Jacobina

2017

REINALÚCIA DA SILVA LIMA

**MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO TRATO DAS DIVERSIDADES RACIAS NAS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES DIANTE DA IMPLANTAÇÃO DA LEI  
10.639/2003**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, para obtenção do título de Licenciatura em História.  
Orientadora: Profa. Msc. Cíntia Nolácio de Almeida

Jacobina

2017

REINALÚCIA DA SILVA LIMA

**MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO TRATO DAS DIVERSIDADES RACIAS NAS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES DIANTE DA IMPLANTAÇÃO DA LEI  
10.639/2003**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa Msc. Cíntia Nolácio de Almeida – Orientadora

---

Profª Dra. Caroline Santos Silva

---

Prof. Dr. Moisés de Oliveira Sampaio

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo privilégio da vida; em segundo, à minha mãe que sempre esteve comigo ajudando-me, diante das suas possibilidades, pois a construção desse trabalho foi muito difícil.

Confesso que todas as minhas conquistas foram com muitas lutas, e com este trabalho não foi diferente: tive que abrir mão do lazer e da vida particular, mas valeu a pena, pois consegui terminar. Por isso, agradeço a todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram com a produção desta pesquisa.

Sendo assim, agradeço a toda minha família, amigos pelo apoio e dedico este trabalho ao maior presente que uma pessoa pode ter: meu filho, Kaell Levi, amor meu.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças e permanências ligadas às diversidades raciais nas práticas pedagógicas dos docentes do Colégio Ernesto Alves (nome fictício), a partir da implantação da lei 10.639\2003; discutir a construção histórico-social da raça e suas implicações na escola especificada, além de Investigar as práticas docentes da mesma instituição educacional. Como referencial teórico, o estudo apresenta reflexões a respeito dos conceitos sobre Racismo, Preconceito, Discriminação e Estereótipo, bem como, sobre Metodologia e Tabulação de Dados. A pesquisa foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa. Os instrumentos utilizados envolveram questionários aplicados a alunos e professores das diferentes disciplinas e entrevista feita aos docentes. Os resultados foram tabulados e interpretados. Buscou perceber se houve mudanças significativas em relação às práticas pedagógicas dos docentes no tocante à questão afro-brasileira – à aplicabilidade da lei nos variados componentes curriculares. Conclui-se que as principais dificuldades para implementação da lei é a falta de planejamento que envolve todas as disciplinas, no tocante a essa lei, com atividades que trabalhe durante o ano inteiro essa temática.

Palavras-chave: Lei 10.639/03; Mudanças; Permanências; Racismo; Prática docente; Discriminação; Raça; Preconceito.

## **ABSTRACT**

This research has as the objective of this work is to analyze the changes and permanences related to racial diversities in the pedagogical practices of the teachers of Ernesto Alves College (fictitious name), as of the implementation of Law 10.639 \ 2003; To discuss the historical-social construction of the race and its implications in the specified school, as well as to investigate the teaching practices of the same educational institution. As a theoretical reference, the study presents reflections on the concepts of Racism, Prejudice, Discrimination and Stereotype, as well as Methodology and Data Tabulation. The research was developed from the qualitative approach. The instruments used involved questionnaires applied to students and teachers from different disciplines and interviewed teachers. The results were tabulated and interpreted. It sought to understand if there were significant changes in relation to teachers' pedagogical practices regarding the Afro-Brazilian question - the applicability of the law in the various curricular components. It is concluded that the main difficulties for implementation of the law is the lack of planning that involves all disciplines, regarding this law, with activities that work throughout the year this theme.

Keywords: Law 10.639 / 03; Changes; Stays Racism; Teaching practice; Discrimination; Breed; Preconception.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
<b>CAPÍTULO I - ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE O RACISMO, PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E ESTEREÓTIPO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Histórico Da Exclusão Dos Negros Na Educação Escolar.....	19
1.2 O Projeto Político Pedagógico Do Colégio Ernesto Alves.....	25
<b>CAPÍTULO II – FERRAMENTAS PARA RELIZAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>29</b>
2.1 Sujeitos da Pesquisa.....	30
2.2 A Observação.....	30
2.3 O Questionário.....	31
2.4 Entrevista Semiestruturada.....	32
2.5 Análise De Dados.....	32
2.6 Pesquisa Qualitativa.....	33
2.7 Análises Da Pesquisa Com Os Alunos.....	33
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS A ALUNOS E PROFESSORES.....</b>	<b>34</b>
3.1 Questionário Aplicado Aos Alunos.....	34
3.2 Tabulação De Questionário Aplicado A Vinte E Sete Professores.....	40
3.3 A Realização Das Entrevistas Com Os Professores Do Ernesto Alves.....	41
3.4 Entrevistas.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
Referências Bibliográficas.....	63

## INTRODUÇÃO

O tema história e cultura afro-brasileira vem sendo discutido por muitos estudiosos da área. Segundo Tavares (2014, p.9) apud Oliva (2003) deve-se reconhecer a importância dos negros na História do Brasil e também estudar a presença dos europeus, pois constituímos a soma de vários grupos étnicos ameríndios, europeus e africanos.

Além disso, por muito tempo o negro foi visto como um ser sem alma (Lima, 2010, p.8). A história e as pesquisas existentes tratavam dos estudos sobre o tráfico e a escravidão, porque quando não há dados adequados e pesquisa suficiente para o estudo da cultura afro, o passado escravocrata persiste em não abrir mão da ambiência escolar, e permanece, então, apenas a visão sobre os africanos que chegaram ao nosso território na categoria de escravos, sendo mercadorias e objetos dos seus proprietários.

A ideia de trabalhar essa temática surgiu nas aulas de Pesquisa, diante de sugestões de temas que poderiam ser utilizados como pesquisa monográfica.

O Colégio Estadual Ernesto Alves de Castro (nome fictício), de Ensino Médio, pertence ao município de Jacobina. Tal cidade localiza-se a cerca de 345km da cidade de Salvador. O município conta com uma população de 79.247 habitantes dados do IBGE<sup>1</sup>.

Segundo dados do IBGE,(1990) a história de Jacobina data dos primórdios do século XVII, quando iniciou-se a corrida dos bandeirantes e portugueses nas minas de ouro, sendo o momento inicial do devassamento e povoação de Jacobina. Começou também, por essa época, as atividades suplementares de criação de gado e de cultura agrícola essencial. Assim, à proporção que novas levas de braços chegavam para o garimpo, foi crescendo uma população inicial bastante densa e heterogênea.

Brandão e Cardoso (1993) descrevem que o aparecimento do ouro, nos últimos anos do século XVII, no interior do país, proporcionou um novo ciclo econômico no Brasil ,sendo este fator determinante na ocupação de seu interior. Além disso, a riqueza mineral do país era eminente da Cordilheira do Espinhaço, do

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Centro de Minas Gerais até o norte da Bahia. Nos anos de 1690 e 1770, era o Brasil o grande fornecedor mundial de ouro e diamantes. Com isso o ouro brasileiro mudaria o curso da história da Europa, conforme o Tratado de Methuen, no qual em 1703 Portugal foi obrigado a desativar suas manufaturas, em favor dos ingleses consumirem sua produção de vinho. Assim esta troca inglesa financiou a Revolução Industrial e fez da Inglaterra uma potência mundial no século XIX.

O surgimento do ouro gerou, por outro lado, a desordem da economia açucareira do Recôncavo, na primeira metade do século XVIII, diante da drenagem para suas lavras de enorme contingente de força de trabalho escravo e também a modificação da capital do país para o Rio de Janeiro. (Brandão ,1993,p.13)

Jacobina, piemonte da Chapada Diamantina, surgiu dessa civilização da mineração. Foi quem primeiro descobriu o ouro na Bahia.

Como a exploração aurífera prosseguiu fora do controle oficial, e em escala tão grande, o governo da metrópole, para uma melhor arrecadação de dízimo por Provisão do Conselho Ultramarino de 13 de maio de 1726, decretou que o governador da província fundasse duas casas de fundição, na qual devia instalar-se Jacobina em 5 de janeiro de 1727 e outra em Rio de Contas. Com isso, em dois anos arrecadou-se, na mina de Jacobina, cerca de 3.841 libras de ouro. Foi um grande feito para a época. (IBGE,1990)

Outra situação foi que a Coroa solicitou o arraial à categoria de vila, mediante Carta Régia de D João V, em 5 de agosto de 1720. Intitulado de Vila Santo Antônio de Jacobina, a nova povoação unia-se às freguesias de Santo Antônio de Pambu e Santo Antônio do Urubu. O lugar escolhido para ser sede foi chamado de Missão de Nossa Senhora das Neves do Say, atualmente pertence ao município de Senhor do Bonfim. Posteriormente, foi mudada para Missão do Bom Jesus da Glória, outra aldeia de índios, criada em 1706 pelos missionários franciscanos, no qual buscavam promover a catequese dos Payayas. (IBGE,1990)

Estendia-se deste modo, a vila de Jacobina por cerca de 300 léguas, por terras de propriedade da Casa da Ponte dos Guedes de Britos, abarcante desde o Rio de Contas até os limites de Sergipe, incluindo a Cachoeira de Paulo Afonso, terras estas que pertenceram a Antônio Guedes de Brito, Antônio da Silva Pimentel, João Peixoto Veigas e Romão Gramacho Falcão. (IBGE,1990)

Desta maneira, pelos anos de 1848, a notícia da descoberta na Chapada Diamantina determinou o êxodo de maiores números de mineiros. Diante disso,

prolongava a fase de paradeiro, que desencadeou o declínio das atividades locais, provocando a demora em elevar a vila à categoria de cidade, o que só veio a ocorrer em 1880. ( IBGE,1990)

Assim, foi realizada a pesquisa em um colégio de grande porte, intitulado de Escola Ernesto Alves, situado na Rua Presidente Kennedy, bairro Estação. A instituição funciona nos turnos diurno e noturno. Vale ressaltar que no noturno recebe o nome de Centro Noturno (nome fictício) e atende alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

A escola pesquisada atende a uma clientela de zona rural e urbana, sendo que os do turno matutino, em sua maioria, residem na sede, e os do vespertino nos distritos vizinhos.

Com isso, a pesquisa de campo ocorreu através dos questionários aplicados a alunos do Ensino Médio e também entrevistas e questionários aplicados aos professores, para saber sobre as suas práticas pedagógicas em relação à Lei 10.639/2003 e, principalmente, se ela está sendo trabalhada independente da disciplina. Utilizou-se, ainda, de recursos bibliográficos para um maior embasamento teórico.

Buscou-se encontrar ou desmitificar os problemas que se apresentam neste ambiente, com base em teóricos como Cavalleiro (2015), Paixão(2008), Kabengele Munanga (2000), Azevedo (2007), Appiah(1990, Schwarcz,(1996). Para fazer um contra-ponto com as pesquisas de campo e a teoria destes.

Dessa maneira, este trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro faz uma análise dos conceitos de raça, racismo, preconceito, discriminação e estereótipo, pois sabe-se que a história de descoberta do Brasil é o entrecruzamento de portugueses, africanos e índios materializando a composição genética da população brasileira, conforme afirma Azevedo.

Assim, quando as primeiras massas de imigrantes europeus chegaram ao Brasil em fins do século XIX, aqui encontraram uma população de brasileiros, natos resultantes de miscigenação de três povos durante três séculos, ou seja, aproximadamente quinze gerações. (AZEVEDO, 1990, p.41)

Já o segundo capítulo trata sobre a incursão histórica da Instituição Ernesto Alves e a metodologia para a realização da pesquisa. O terceiro capítulo é finalizado com a tabulação dos dados encontrados.

Diante disso, os resultados deste estudo poderão contribuir para uma visão mais ampla em relação às práticas pedagógicas dos docentes a partir da implantação dessa lei, além de verificar se houve avanços, se os docentes conhecem a mesma e se sabem de sua importância.

## **CAPÍTULO I: ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE O RACISMO, PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E ESTEREÓTIPO**

Diante de pesquisas científicas realizadas, referentes às temáticas raciais, no campo da Educação, é importante que sejam compreendidos os seguintes conceitos: raça, racismo, preconceito, discriminação e estereótipo. Portanto, pretende-se neste capítulo problematizar questões que viabilizem uma melhor compreensão baseada em teorias referentes a essa temática. Assim, segundo PAIXÃO (2008),

o termo raça dialoga primeiramente com a variabilidade dos seres humanos em termos físicos. Ou seja, a base dessa compreensão reside no fato de que os seres humanos possuem uma grande variabilidade de tipos em termos de suas respectivas aparências especialmente quando leva-se em consideração o grau de intensidade da pigmentação de suas peles, os tipos faciais, as cores dos olhos, o formato dos cabelos e, em alguns casos, a forma corporal (altura, peso, tipo corpóreo). Aqui vale salientar que também estamos entendendo a ampla pluralidade de tipos intermediários, fruto dos distintos intercursos que vieram ocorrendo de modo pacífico ou violento ao longo da história dos distintos povos. (PAIXÃO, 2008, p. 28)

O termo raça possui várias definições, como afirma Santos, Palomares, Normando e Quintão (2010) no artigo intitulado de Raça versus Etnia: diferenciar para melhor aplicar:

O termo raça tem uma variedade de definições geralmente utilizadas para descrever um grupo de pessoas que compartilham certas características morfológicas. A maioria dos autores tem conhecimento de que raça é um termo não científico que somente pode ter significado biológico quando o ser se apresenta homogêneo, estritamente puro; como em algumas espécies de animais domésticos. Essas condições, no entanto, nunca são encontradas em seres humanos. (SANTOS, PALOMARES, NORMANDO E QUINTÃO, 2010, p.122)

Silva (2001) também enfatiza sobre a complexidade do termo raça para muitos intelectuais. Alguns rejeitam esse termo e adotam etnia, como mais adequado para discutir as relações entre negros e brancos no Brasil. Assim sendo, vários

consideram que os antecedentes históricos e acadêmicos do conceito de raça o comprometem, porque o termo vincula-se à ideia de dominação político-cultural e à antropologia física. Outra situação é que com as Ciências Biológicas, raça humana, no conceito científico, ficou inoperante.

Entretanto, na prática social, quando é discutida a situação do negro na sociedade brasileira, raça acaba sendo o termo mais utilizado pelos sujeitos sociais, aproximando da extensão do racismo presente na sociedade brasileira.

A etimologia do conceito de raça vem do italiano *razza*, que veio do latim *ratio*, no qual o conceito de raça foi, primeiramente, usado na zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Assim, o conceito de raça tem uma dimensão temporal e espacial. Com isso o termo no latim medieval passou a indicar a descendência, a linhagem de um grupo de pessoas que têm ancestrais e características físicas em comum. Já em 1684, o francês François Bernier, empregou o termo, no sentido moderno da palavra, para nomear a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados. Conforme enfatiza Kabengele Munanga :

Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se considerava como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (KABENLEGE MUNANGA, p.17, 2000)

No século XVI, com o processo de colonização, o conceito de raça no Brasil, segundo Silva, é parte de uma construção histórica da civilização ocidental que se concretiza entre os séculos XVIII e XIX, com o objetivo de “formular uma visão do mundo, capaz de compreender, explicar e universalizar o processo histórico.” (HERNANDEZ, p.18) Como componente de uma teoria formada, trata-se de um termo

usado na construção do racismo, com a intenção de justificar a complexidade existente entre raça/cor, hierarquia social entre brancos e negros, conforme afirma SILVA apud HERNANDEZ (2005).

A partir do momento em que foram utilizadas as noções de “brancos” e “negros” para nomear, de forma genérica, os europeus colonizadores e os africanos colonizados, os segundos têm de enfrentar uma “dupla servidão”: como ser humano e no mundo do trabalho. O negro, marcado pela pigmentação da pele, transformado em mercadoria e destinada a diversas formas compulsórias de trabalho, também é símbolo de uma essência racial imaginária, ilusoriamente inferior (HERNANDEZ p. 23, 2005, p. 26).

Sendo assim, o processo de divisão racial é consequência de um processo político, econômico e social, marca de uma conjuntura procedente de um passado imperialista, que prevaleciam os modelos de organização social, econômico e cultural que configurou na construção do racismo, através de uma historicidade eurocêntrica que provocou e ainda provoca preconceitos e discriminações existentes em toda parte do mundo, infelizmente ainda presente até os dias de hoje.

O século XVIII, que foi nomeado século das luzes, da racionalidade, com slogan “igualdade, liberdade e fraternidade”, as três palavras de ordem, não eram somente emblemas políticos, eram também uma afirmação de que essa discussão devia ser finalizada. Neste sentido, o iluminismo francês estabeleceu e naturalizou a igualdade entre os homens, (Schwarcz,1996, p.161) tendo como precursor desse lema J.J . Rousseau.

Kabengele Munanga explicita que os iluministas rebatiam o monopólio do conhecimento e da explicação, concentrado nas mãos da igreja e poderes dos príncipes. Para os iluministas a história não é cíclica, é baseada na razão transparente e universal e na história cumulativa e linear. Deste modo, lançam mão do conceito de raça, já existente nas ciências naturais, para alcunhar esses outros que integram a antiga humanidade como raças diferentes, abrindo o caminho para uma nova disciplina chamada História Natural da Humanidade, que, logo adiante, será conhecida como Biologia e Antropologia Física.

Sendo assim, há uma necessidade de classificar a diversidade humana em raça. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. Por isso, é nesta base que o conceito de raça e a classificação da diversidade em raça teria servido.

Entretanto, esta forma de classificação desencadeou numa operação de hierarquização que concretizou o caminho do racismo. De acordo com Appiah, (1990) o conceito de racismo, postula que há “características hereditárias” nos seres humanos, que admitem dividi-los em um pequeno número de raças, cujos membros compartilham “certos traços e tendências” entre si, que não compartilham com nenhum membro de outra raça. Assim os traços e tendências formariam a “essência racial” dos grupos humanos. Isto vai além das características fenotípicas.- cor da pele ou tipo de cabelo, que podem ser vistas a olho nu.

Appiar (1990) enfatiza que o racismo e o racismo não são sinônimos. Ele afirma que o racismo é uma crença falsa, porém não é necessariamente perigosa. É um pressuposto das doutrinas racistas, que não está associado ao racismo em todos os contextos em que se revelem.

A classificação hierarquizada abocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia, ganhando espaço no século XX. Tal conceito tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois justificava e legitimava o sistema de dominação racial do que a variabilidade humana. Essa doutrina saiu dos círculos intelectuais e acadêmicos para ser espalhada nas populações sociais ocidentais dominantes, logo após, readquiridas pelos nacionalismos nascentes, como o nazismo, para corroborar as exterminações que causaram à humanidade a segunda guerra mundial. (Appiar 1990)

Há cerca de 6 bilhões de habitantes no mundo, conforme afirma Kebengele Munanga, (2000) com enorme diversidade, do qual diferenciamos o babuíno do orangotango, que não pode confundir chinês com o pigmeu da África, o norueguês com o senegalês etc. Por isso, em qualquer operação de categorização, é preciso, a princípio, estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. Assim no século XVIII, a cor da pele foi estimada como critério fundamental entre as denominadas raças. Desta maneira, a espécie humana ficou dividida em três raças: raça branca, negra e amarela. A cor da pele é determinada pela concentração da melanina.

Ora, a cor da pele resultante do grau de concentração da melanina, substância que possuímos todos, é um critério relativamente artificial. Apenas menos de 1% dos genes que constituem o patrimônio genético de um indivíduo são implicados na transmissão da cor da pele, dos olhos e cabelos. Os negros da África e os autóctones da Austrália possuem pele escura por causa da concentração da melanina. Porém, nem por isso eles são geneticamente parentes próximos. Da mesma maneira que os pigmeus da África e da Ásia não constituem o mesmo grupo biológico apesar da pequena estatura que eles têm em comum. (Kabengele Munanga, p. 20,2000)

Diversos fatos históricos contribuíram de forma negativa para a marginalização do negro na sociedade brasileira. Entre eles estão o processo de colonização, marcado pela exploração e apropriação ilícita do afrodescendente, bem como a expansão de teorias eugênicas que apresentavam a raça negra como inferior.

No final do século XIX os cientistas da época buscavam consolidar o grau de inferioridade do negro, através da pigmentação da pele, sobrepondo a outros critérios morfológicos, como o formato do nariz, dos lábios, do queixo, o ângulo facial e também da frenologia, teoria que visava prever características como personalidades, mediante o estudo do crânio do indivíduo. Esta ciência, durante o século XIX, foi muito influente no Brasil, pois servia para distinguir a loucura e a degenerescência atribuída aos negros e mestiçados, como afirma Silva(2015) sobre muitos teóricos brasileiros que utilizavam métodos da medicina para discriminar e inferiorizar a raça negra.

No Brasil, muitos teóricos, utilizavam-se dos meios e métodos institucionais como é o caso das faculdades de medicina na Bahia e Rio de Janeiro e, através de um conjunto de práticas e comportamentos preconceituosos, racistas e discriminatórios, podemos citar o médico legista Nina Rodrigues que procurava de fato constatar a inferioridade racial, ou seja, de incapacidade humana de determinados grupos, negros e mestiços através do chamado “laboratório racial”, que de forma maléfica, contribuiu excessivamente para a difusão e disseminação de ideias e práticas racistas nesse período, tendo suas consequências até os dias atuais.(SILVA,p.21,2015)

Foi comprovado no século XX, através da Genética Humana, que havia no sangue critérios químicos mais categóricos, por consagrar decisivamente a divisão da humanidade em raças. Nesta pesquisa, chegaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais longínquos que as pertencentes a raças diferentes. Assim, estudiosos dessa área concluíram que a raça não é uma realidade biológica, porém apenas um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e dividi-la em raças estancas que são biologicamente as raças que não existem.

Neste sentido, o conceito de raça que temos atualmente nada tem de biológico, mas, sim, é carregado de ideologia – uma relação de poder e de dominação. O conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam.

Outro conceito que permeia a relação racial é o racismo que, segundo Mendes (2012), não é tão fácil de definir, pois para ela a noção de raça, quando aplicada aos seres humanos é um conceito indeterminado, remetendo para um objeto de difícil definição.

O conceito de racismo foi criado por volta de 1920 segundo objeto de várias leituras e interpretações, recebendo diversas definições que nem sempre falam a mesma coisa. No nosso dia a dia não se atribui o mesmo conteúdo e significado, por isso falta um denominador comum na procura de soluções contra o racismo.

O racismo, na maioria das vezes, é abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das relações existentes entre as duas noções. Seria teoricamente uma ideologia essencialista que exige a divisão da humanidade em um grande grupo chamado raças. Segundo Kabengele Munanga, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizada pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o cultural.

O racismo e suas teorias têm origens míticas e históricas. Há relatos bíblicos, (para alguns, considerado mito, para outros, não), que apresentam a primeira classificação religiosa de diversidade humana entres os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé, pai da raça branca; Sem, pai da raça amarela e Cam, pai da raça negra. O primeiro livro da Bíblia conta a história do patriarca Noé, depois do dilúvio, que durou 40 dias e 40 noites e finalmente encontra a terra seca. Com isso, montou sua tenda para descansar com seus três filhos e depois de tomar várias taças de vinho embriagou-se e deitou-se numa posição libertina. Assim, seu filho Cam vendo a

sua postura fez, junto aos seus irmãos, comentários desrespeitosos sobre seu pai. Quando Noé voltou a si e soube do acontecido, amaldiçoou dizendo: “Seus filhos serão os últimos a serem escravizados pelos filhos de seus irmãos”.

Há uma segunda abordagem que apresenta a origem do racismo e tem sua história ligada ao modernismo ocidental: origina-se da classificação científica baseada na observação dos caracteres físicos - cor da pele, traços morfológicos. Estes caracteres físicos são considerados irreversíveis na sua influência sobre os comportamentos dos povos. Sendo essas transformações de perspectivas consideradas o salto na construção da ideologia racista, passou-se de um tipo de explicação, na qual Deus e o livre arbítrio constituem a linha central da divisão da história humana, por um novo tipo de pensamento, no qual a Biologia se constrói em determinismo racial e se torna a chave da história humana.

Além disso, segundo Gomes, o racismo existente na sociedade brasileira não se dá apenas pelos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos raciais, mas também devido à relação entre os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. Azevedo(1990), afirma:

Assim, a prática do racismo tornou-se, na sociedade moderna, não apenas mais abrangente como também mais diversificada em suas formas de negar a dignidade, a igualdade e o respeito à pessoa humana. Naquelas populações caracterizadas por secular mistura racial (Brasil, Havaí, México etc), as formas de racismo adquiriram a peculiaridade de uma existência conscientemente camuflada e institucionalmente negada.(AZEVEDO, 1990 p.27)

O racismo, como bem destaca Azevedo, nos dias de hoje, é uma forma de escravidão moderna que machuca as pessoas na essência de sua dignidade, sendo submetido às condições sociais mínimas de sobrevivência.

Outra situação atinente é o preconceito que é o julgamento prévio de um grupo racial, de pertença a uma ou outra religião ou de pessoas que exercem papel social significativo. Ou seja, é um conceito ou opinião formada antecipadamente sem conhecimentos dos fatos. Assim, este termo trata da concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. Como afirma Sant’Ana:

Preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (SANT'ANA,p.62)

O Brasil é marcado por características de variação e mistura em todo o país. Entretanto as relações provenientes do passado, e ainda infiltradas de preconceitos no presente, ofuscam a percepção da realidade.

A história de descoberta do Brasil e o entrecruzamento de portugueses, africanos e índios materializou a composição genética da população brasileira, conforme enfatiza Azevedo(1990):

Assim, quando as primeiras massas de imigrantes europeus chegaram ao Brasil em fins do século XIX, aqui encontraram uma população de brasileiros natos, resultantes da miscigenação de três povos durante três séculos, ou seja, aproximadamente quinze gerações.(AZEVEDO,1990,p.41)

Além disso, outro problema que afeta a sociedade é a discriminação que, para Gomes, pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito, ou seja, é a adoção das práticas que o efetivam. Gomes apud Teixeira ressalta:

Conforme, neste modelo de preconceito que causa discriminação observamos a ênfase que recai sobre o indivíduo como portador de preconceito, como a fonte que gera a discriminação. A autora nos alerta para um outro foco de análise, mostrando que a discriminação racial pode ser originada de outros processos sociais, políticos e psicológicos que vão além do preconceito desenvolvido pelo indivíduo. Estamos, então diante da distinção entre a discriminação provocada por interesse. Essa última tem a noção de privilégios de determinado grupo sobre o outro seriam as responsáveis pela sua perpetuação, "independentemente do fato de ser intencional ou apoiada em preconceito" (TEIXEIRA, 1992: 22).

Com isso o reflexo desta história repleta de exclusão e discriminação é uma sociedade na qual o que se refere ao estereótipo do negro na maioria das vezes é ligado ao negativo.

Assim, as definições conceituais das palavras preconceito e discriminação são as seguintes: O preconceito é uma opinião preestabelecida pelo meio da época e

educação. Já a discriminação é a ação, ou seja, a prática, a materialização do racismo. Para Lise Dunningan, o “estereótipo é um modelo rígido e anônimo, a partir do qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos” (Idem, ibidem, p. 2-3).

## **1.2 Histórico Da Exclusão Dos Negros Na Educação Escolar**

Sabe-se que os negros no período pós-abolição “foram largados à própria sorte”. Segundo Nascimento (2005), os mesmos tiveram que morar em favelas, trabalhando nos piores empregos. Além disso, Cavalleiro (2015) afirma que a lei abolicionista não proporcionou cidadania para a população de ex-escravos e seus descendentes foram segregados social e economicamente.

Segundo Garcia (2007), as lacunas políticas se ampliam ao processo de escolarização do segmento negro em qualquer fase da História do Brasil. O estudo recente sobre a trajetória educacional institucionalizada dos negros focam nas experiências escolares da população negra, após a década de 1960.

A valorização das estruturas econômicas, políticas e ideológicas pela historiografia brasileira resultaram numa visão fragmentada sobre a História do Brasil que pretendia descrever (Gomes, F. 2005). Só a partir da década de 60, como advento da História Social no Brasil, essas populações foram “revisitadas” por novas abordagens, emergindo sob formas de resistência e conformação. Contudo ,os mais beneficiados com esses “olhares” foram as classes operárias e os partidos políticos, pouco alterando em relação à participação política das populações negras na constituição da sociedade brasileira.(Garcia, 2007,p.18)

A trajetória da massa negra aparece na História do Brasil fragmentada, não contemplando a complexidade das relações estabelecidas entre brancos e negros, do período escravista, até os dias de hoje. Por isso os estudos do negro na educação brasileira exige um grande esforço para acompanhar as relações que abrangem as populações autodeclaradas brancas e negras. A busca por direitos de líderes de movimentos negros foi composta muitas lutas. Pereira apud Silva Jr relata:

O direito à educação para os não brancos, para os não pertencentes à elite, só viria quase um século depois, após muitas lutas e reivindicações, a partir da Lei 5.892 de 1971; “porém, esta democratização de acesso ao ensino (...) não foi acompanhada de uma preparação do magistério para lidar com as classes numericamente grandes e racionalmente heterogêneas. Os paradigmas do ensino prosseguiram, apoiando-se em valores de classe média branca (...) assim a ‘democratização’ foi feita nos moldes da qualidade de alunos atendidos e não da qualidade do ensino ministrado” (SILVA Jr, 2002).

A exclusão socioeconômica a que está submetida a população negra produz perversas conseqüências. De um lado, a permanência das desigualdades raciais naturaliza a participação diferenciada de brancos e negros nos vários espaços da vida social, reforçando a estigmatização sofrida pelos negros, inibindo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e impedindo o usufruto da cidadania por parte dessa parcela de brasileiros à qual é negada a igualdade de oportunidades que deve o país oferecer a todos. (JACCOUD E BEGHIN, p.37).

Toda essa marca de desigualdade e discriminação racial que permeia as condições dos negros é reflexo do sistema escravista, como enfatiza Pereira apud Jaccoud e Beghin ( 2002 ):

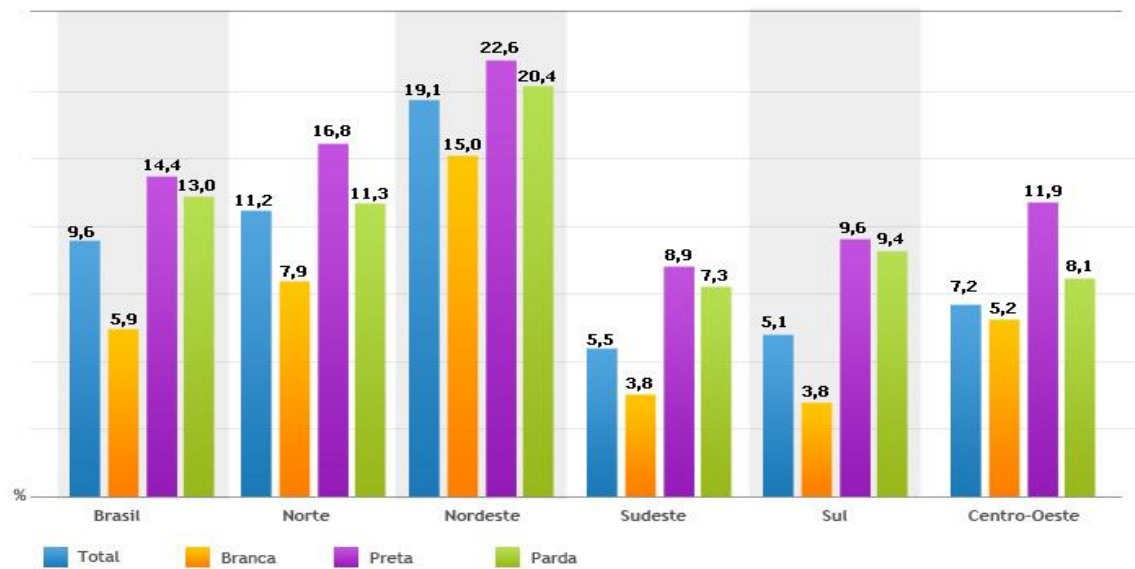
A discriminação racial foi, desde o início, interna ao sistema. Abolida a escravidão em 1888, os afrodescendentes continuaram a sofrer uma exploração específica graças aos mecanismos de exclusão que acompanham o racismo. Romper com essa inércia, reverter o estigma, recuperar a auto-estima, afirmar a igualdade dos direitos, agir para que a lei garanta as mesmas oportunidades a todos têm sido algumas das principais bandeiras do movimento negro. (JACCOUD E BEGHIN, 2002, p.15)

Pereira enfatiza também que o índice de reprovação nas instituições públicas tem uma relação entre a educação escolar e as desigualdades raciais na sociedade brasileira.

Além disso, os gráficos mostram a taxa de analfabetismo por cor e raça, com pessoas de mais de 15 anos das regiões do Brasil e o de distribuição de pessoas de 15 a 24 anos que frequentam a escola:

### Taxa de analfabetismo por cor ou raça

Censo considerou pessoas com mais de 15 anos das principais regiões do Brasil



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Nota-se que o mais alto índice de analfabetismo é composto por pessoas de cor negra em todas as regiões, seguindo das pessoas de cor parda e por último de pele branca.

Percebe-se também que mesmo diante de tantas contribuições na construção sociocultural e econômica do Brasil, dados do IBGE (2010) ainda apontam o grave índice de racismo do nosso país:

A escolaridade dos pretos e pardos é menor que a dos brancos. Há desigualdade também nos indicadores educacionais. A população em idade ativa preta e parda tinha 7,1 anos de estudo, em média, e era menos escolarizada que a população branca (8,7 anos de estudo, em média). Foi apurado, também, que 6,7% das pessoas pretas e pardas com 10 a 17 anos de idade não frequentavam a escola, contra 4,7% dos brancos. E enquanto 25,5% dos brancos com mais de 18 anos frequentavam ou já haviam frequentado curso superior, o percentual era de apenas 8,2% para os pretos e pardos. Mas houve algum evolução neste indicador: em setembro de 2002, apenas 6,7% dos pretos e pardos frequentavam ou já haviam frequentado curso superior (IBGE, 2010).

O desenvolvimento da identidade e da autonomia está intimamente relacionado com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação nos laços afetivo que as crianças podem estabelecer com as

outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. Isso pode ocorrer nas instituições de Educação Infantil que se constituem, por excelência, em espaço de socialização, pois propiciam o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado de experiência educativa (BRASIL, 1998, v.2, p.11).

Já, segundo Garcia, com base no Pnud/Cedeplar elaborado a partir do Censo Demográfico 2000, em relação à taxa de escolaridade de atendimento ao Ensino Médio, demonstram uma realidade educacional bastante desfavorável para a população negra, pior do que o ensino fundamental. O maior é o que está ligado à taxa de eficiência, que traduz as condições de aprendizagem e permanência na escola.

Vale salientar que o número de negros no ensino médio aumentou de 2000 para 2003, e também que a taxa de eficiência dos negros demonstrou um aumento de 2,07% baseado nos autos identificados brancos 1,03%, totalizando uma variação positiva de 1,4% em favor dos negros. Entretanto, os negros ainda continuam em franca desvantagem em relação aos brancos.

Se tratando do ensino superior Pacheco apud Kabengele Munanga (2007) enfatiza que

O debate sobre as políticas de ação afirmativa e de cotas em benefício dos alunos negros e pobres no ensino público universitário parte do quadro das desigualdades sociais e raciais gritante, acumuladas ao longo dos anos, entre brancos e negros. Essas desigualdades observam-se em todos os setores da vida nacional: mercado de trabalho, sistema de saúde, setor político, área de lazer, esporte, educação, etc. Ora, no meio de todas essas desigualdades, a educação ocupa uma posição de destaque como centro nevrálgico ao qual são umbilicalmente vinculadas todas as outras. Diz-se que os negros não conseguem bons empregos e bons salários porque não tiveram acesso a uma boa educação e que não tiveram acesso a uma boa educação porque seus pais são pobres. Neste beco sem saída entre educação, pobreza e mobilidade social, a discriminação racial nunca é considerada como uma das causas das desigualdades. E esta falta de consideração da discriminação racial como umas das variáveis na discussão sobre cotas se constitui como complicadora, quando as chamadas cotas raciais ou étnicas são

interpretadas como introdução do racismo no sistema educativo brasileiro, em vez de considerá-la como uma política para corrigir e reduzir as desigualdades acumuladas ao longo dos séculos. (PACHECO apud KABENGELE MUNANGA, p.16, 2007)

A desigualdade que envolve o negro infelizmente perpassa pelos setores da vida social deste sujeito, tudo por conta de um passado na qual a elite europeia dominava e a historiografia baseava-se apenas nos grandes heróis, deixando de lado a classe marginalizada que era composta por negros, homossexuais e mulheres.

Como afirma Silva apud Rosemberg (1985,p.77) “o homem branco adulto proveniente dos estratos médios e superiores da população é o representante da espécie mais frequente nas estórias, aquele que recebe um nome próprio, aquele que se reveste da condição de normal”.

Sabendo que o livro didático ainda é uma ferramenta pedagógica bastante utilizada nos dias de hoje pelos professores, principalmente nas escolas públicas e, em muitos casos, é o único instrumento de leitura para discentes da classe popular como enfatiza Silva(2005). Além do mais o citado pode ser um material de pesquisa do professor.

Ao veicular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígena e africano, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, 1989, p 57).

Por isso, é necessário que o professor esteja preparado para lidar com determinadas situações que são retratadas por muitos livros didáticos. Em alguns livros de História, por exemplo, o negro é mostrado como um sujeito inferior, ligado ao feio, sujo e, principalmente, nas séries iniciais onde a criança está dando os primeiros passos para a vida social. Assim é importante que o educador enfatize que a cor não determina caráter, inteligência, beleza de ninguém, tudo isso foi construído por conta de histórias que por muito tempo foram dominadas por uma classe opressora e racista, mas que vem sendo modificada, graças a homens e mulheres que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária. Como afirma Silva (2005):

A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-político econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas. (SILVA,2005,p25)

Sendo assim, a educação escolar deve cumprir com seu objetivo enquanto formadora de cidadãos críticos e pensantes. Neusa Lopes apud PCNs(2005,p190) deixa claro que

quando a finalidade é *construir a cidadania numa sociedade pluriétnica e pluricultural*, como é o caso da sociedade brasileira, é preciso que se tenha presente um elenco de objetivos com os quais se deve trabalhar. Por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem, hoje, uma referência que nenhum professor pode desconhecer. A seguir, estão sugeridos alguns objetivos que podem nortear o trabalho a ser realizado. Outros poderão ser buscados e selecionados.

- Compreender a cidadania como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência no país.
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos, e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação, baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais ou sociais.
- Questionar a realidade, formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a

capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. Contidos nos objetivos do ensino fundamental estão os *objetivos de ética*, também propostos pelo PCN, relevantes na medida em que o racismo, preconceito e discriminação têm a ver com valores e atitudes do homem em suas relações quotidianas com os outros homens. Sugerimos os que seguem, podendo o professor selecionar outros:

- Compreender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar se pela necessidade da construção de uma sociedade justa.
- Adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista.

Compreender a vida escolar como participação no espaço público, utilizando e aplicando conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade democrática e solidária.

- Valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas.
- Construir uma imagem positiva de si, o respeito próprio traduzido pela confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu próprio projeto de vida e pela legitimação das normas morais que garantam, a todos, essa realização.
- Assumir posições segundo seu próprio juízo de valor, considerando diferentes pontos de vista e aspectos de cada situação. (LOPES, 2005, p190,191)

Portanto, segundo Lopes (2005), cabe ao educador selecionar e construir conhecimentos baseados no projeto pedagógico desenvolvido na escola, com objetivos que tenham a ver com o respeito, cidadania e democracia, trabalhando continuamente contra o racismo, preconceito e discriminação.

## **1.2 O Projeto Político Pedagógico do Colégio Ernesto Alves**

O colégio Ernesto Alves, segundo informações dadas pela secretaria escolar, funciona como dois colégios distintos, pois no turno diurno atendente a discentes do ensino Médio do 1º ao 3º ano com um total de quinhentos e sessenta e três alunos. Já no turno noturno recebe o nome de Centro Noturno, atendendo a alunos do ensino Fundamental (EJA) e Médio com total de setecentos e onze discentes. O citado colégio situa-se na Praça Presidente Kennedy, 200, bairro Estação.

O PPP da escola contém os objetivos, metas a serem alcançadas ao longo das unidades, tendo também os projetos que serão realizados, segundo o mesmo, no intuito de “envolver pais de alunos e a comunidade jacobinense, fazendo parcerias com artistas/instituições locais”. Porém não foram notadas atividades que enfatizassem a lei 10.639/2003.

O projeto também elenca que as práticas educativas devem fundamentar-se nos direitos e deveres de todos, respeitando a dignidade humana no reconhecimento e valorização das diferenças combatendo a todas as formas de preconceito e discriminação. As afirmações foram pertinentes, principalmente na citação de Silva e Tavares:

Todos os grupos sociais que têm características próprias são diferentes nas suas especificidades, mas iguais em direitos. Portanto, reafirmamos que diferença não significa desigualdade, e sim culturas, valores, crenças, costumes, opções, orientações que dão significado e identidade a grupos, povos e etnias. (2012, p. 34)

A valorização do indivíduo deve estar presente na proposta curricular da escola, ressalta Santiago (2001,p142), sendo esta instituída no projeto da modernidade com a função social de erguer as bases de uma nova sociedade na emancipação da razão humana, buscando a constância de seu projeto pedagógico no significado do conceito de homem, no entendimento de seu processo de desenvolvimento e na projeção de uma sociedade idealizada pelos princípios de igualdade, liberdade e justiça. Deve ainda contribuir para o alcance desses objetivos através de um currículo organizado, que seja capaz de conduzir o educando a mudança de atitudes, pelo domínio de conhecimentos e habilidades condizentes com as demandas sociais, que principalmente combatam a discriminação, preconceito e racismo.

O planejamento e suas funções, segundo o PPP, devem ter um caráter processual e com atividades permanentes de reflexão e ação, sendo este flexível, permitindo ajustes nos seus objetivos e estratégias de execução. O planejamento da escola “deve ser visto também como um mecanismo que pode contribuir para a superação do imobilismo da comunidade escolar para o desenvolvimento de uma ação coletiva.” (PPP, p. 14)

A proposta curricular da escola, segundo o (PPP), é preparar os estudantes para o exercício da cidadania, sendo agentes transformadores com espírito crítico, consciente de direitos e deveres, sensíveis às necessidades de reformulação dos processos didáticos.

Dando continuidade à pesquisa, ao longo da leitura deste projeto, uma parte chamou a atenção, na qual envolve a proposta curricular:

Desta forma queremos formar alunos críticos que desenvolvam valores morais, cívicos e culturais, que valorizem e fortaleçam a importância do conhecimento através da cultura, como meio de crescimento e ajustamento social para uma sociedade mais humana, fraterna e democrática, com homens críticos, politizados, de ampla visão de mundo, capazes de superar os preconceitos sociais em uma sociedade em que todos usufruam dos direitos e deveres presentes na Constituição Brasileira. É o que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases, Lei Federal 9394/96. (p.21-22)

Realmente, a escola não deve apenas transmitir conhecimento, mas construir a aprendizagem do educando de forma crítica, reflexiva, por isso esta reflexão deve ser baseada na construção do PPP, como afirma Sousa (2001):

Transportando essa reflexão para o processo de construção do projeto pedagógico, é possível reconhecer nos atores envolvidos em sua discussão sujeito de um fazer e de saber, na medida em que o referido projeto pode mediatizar as relações que eles – pais, alunos, professores, corpo técnico-administrativo, pessoal de apoio e direção – estabelecem com a sociedade e o conhecimento. Sob esse ângulo, a construção do projeto pedagógico, quando perpassada pela reflexão crítica, qualifica os atores sociais que o concebem, executam e avaliam como produtores de uma escola que pode orientar suas práticas para a transformação social. (SOUSA,2001, p.224)

Teoricamente os conceitos que envolvem a construção do projeto foram elaborados de maneira bastante pertinente. Ficou perceptível que todas as ementas referentes às suas respectivas disciplinas traçam o objetivo geral e específicos:

Através desse eixo os alunos terão a oportunidade de identificar as representações culturais, comparando pontos de vistas expressos em diferentes fontes, bem como avaliar criticamente influências culturais,

ampliando as possibilidades ao conhecimento, produzindo dando significados a cultura local a partir da compreensão da sua realidade cultural.

Pensar a articulação entre Educação, cidadania e raça significa ir além das discussões sobre temas transversais ou propostas curriculares emergentes.

Representa o questionamento acerca da centralidade da questão racial na nossa prática pedagógica, nos projetos e nas políticas educacionais e na luta em prol de uma sociedade que garanta a todos\ as o direito de cidadania.

Todos nós sabemos que a Educação é um direito social. E colocá-la no campo do direitos é garantir espaço à diferença e enfrentar o desafio de implementar políticas públicas e práticas pedagógicas que precisa ser levada a sério pelos/ as educadores/ as reformuladores/ as de políticas educacionais.(GOMES,2001,p.83-84)

Assim, segundo Gomes (2001), pensar a articulação entre educação, cidadania e raça é muito mais que uma mudança conceitual ou tratamento teórico. É uma postura política e pedagógica, é entender que a educação lida com sujeitos concretos. Deste modo, não basta conhecer o discente apenas no interior da sala de aula e no cotidiano escolar. Por isso, é necessário estabelecer vínculos entre a a escola e a vivência sociocultural do estudante.

## CAPÍTULO II- FERRAMENTAS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Sabe-se que o conhecimento baseado no senso comum surge no intuito de resolver problemas do cotidiano sem necessidade de comprovação científica, planejamento, pois este se desenvolve à medida que os acontecimentos vão naturalmente surgindo, assim, esse conhecimento é elaborado de forma espontânea e instintiva.

Já o conhecimento científico provém da necessidade de compreender os fenômenos de maneira clara, metodológica, sistemática e crítica, uma vez que esse é um produto de investigação, procedendo da necessidade de encontrar soluções para problemas de ordem prática da vida diária. Dessa forma, segundo Demo (2001), a metodologia trata da forma de fazer ciência, oferecer caminhos para chegar a uma conclusão. GIL (2009, p.27) define “método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como conjuntos de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

O método não surge de forma desorganizada ou aleatória. Ele é resultado de uma perplexidade, momento quando o ser humano se vê frente a problema que carece de solução. Ele emerge a partir das antecipações mentais, momento em que inicia o processo de racionalização das ações em torno da questão a ser solucionada... O método torna importante, pois proporciona economia de tempo, de recursos, e fornece segurança na ação, para se chegar ao resultado pretendido. O conhecimento não pode ser produzido sem incluir nos procedimentos: regra, capricho. Esforço organizado, disciplina e outros atributos que levarão o estudioso ao uso de metodologia. (SANTOS, 2002, p.01).

Assim, o método vem como suporte para facilitar as práticas diárias ao realizar qualquer atividade, ajudando na organização e até mesmo na economia do tempo, pois, “método é o caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo refletido e deliberado”. (LAKATUS apud HEGENBERG, 1976: II-115).

Os autores reafirmam a importância de conhecer as variadas maneiras de como se deve utilizar o método em qualquer pesquisa, para que sua realização possa valer-se de todos os procedimentos que manifestem veracidade dos fatos, chegando

assim, a algumas técnicas que possibilitam o conhecimento. Lembrando que ao caracterizar, investigar ou descobrir alguns fatos de uma pesquisa é necessário perceber a diversidade de métodos existentes, para que a realização possa estar conveniente com o objetivo proposto.

Outra situação atinente é que muitos autores questionam o que seria então pesquisa. Uma resposta bastante simples para esta pergunta é a seguinte: ela é a busca de respostas para as indagações. Por isso, foi realizada uma pesquisa de campo, baseada na aplicação de questionário a duzentos e setenta e cinco alunos do ensino médio e professores das diversas disciplinas.

## **2.1 Sujeitos da Pesquisa**

Entende-se que os sujeitos da pesquisa, são peças importantes para a aquisição dos dados e para um melhor entendimento e validade do objeto investigado. Portanto, fez parte desse estudo alunos e professores do 1º, 2º e 3º ano dos turnos matutino e vespertino do Ensino Médio.

## **2.2 A Observação**

Para que uma pesquisa tenha validade é necessário as coletas de dados através de diversos instrumentos de investigação. Assim, o primeiro passo da pesquisa é a observação, esta não é precedida de qualquer modo, por isso, requer certos critérios:

Não é, pois, surpreendente que a observação tenha também um papel importante na construção dos saberes, no sentido em que a expressão é entendida em ciências humanas. Mas para ser qualificada de científica, a observação deve respeitar certos critérios, satisfazer certas exigências: não deve ser uma busca ocasional, mas ser posta a serviço de um objeto de pesquisa, questão ou hipótese, claramente explicitado; esse serviço deve ser rigoroso em suas modalidades e submetido a críticas nos planos da confiabilidade e da validade. (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 177).

Ao observar, é necessário conhecer o importante papel que o mesmo produz em seus critérios de avaliação e na análise do objeto observado.

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo da pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados de muitas pesquisas, por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação.

A observação nada mais é que o uso de sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Pode, porém, ser utilizada como procedimento científico... (GIL, 2009, p. 100)

### **2.3 O Questionário**

Outro instrumento importante para a averiguação é o questionário, que serve para coletar a opinião dos indivíduos que compõem a amostra. Por isso, é preciso a elaboração de perguntas sobre o tema proposto, oferecendo aos interrogados uma opção de respostas para que ele possa escolher a opção mais cabível ao seu entendimento, de forma clara e objetiva, que torne a conclusão convincente e real. Segundo Santos (2002),

O questionário se caracteriza por conter um conjunto de itens bem ordenados e bem apresentados. Outra particularidade é a exigência de respostas por escrito e a limitação nas respostas". [...]. Ao elaborar um questionário, deve ser observada a clareza das perguntas, tamanho, conteúdo, e organização, de maneira que informante possa ser motivado a respondê-lo. (Santos,2002, p.22)

É necessário deixar explícito o significado de cada pergunta lançada através dos questionários, para que o problema possa ter importância e compreensão para os indivíduos que estejam em contato.

Dessa maneira, foram distribuídos questionários para aos alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino Médio, e aos professores do turno diurno, obtendo assim, os resultados demonstrados na análise de dados.

## **2.5 Entrevista Semiestruturada**

A entrevista semiestruturada, proporciona uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, instituindo oportunidades e vínculos significativos para a coleta de dados. A partir das respostas do entrevistado, mesmo orientado por um roteiro, esta ferramenta está aberta ao surgimento de novas perguntas, comentários e observações, o que a torna diferente do um questionário fechado.

Assim a pesquisa foi realizada com um roteiro de perguntas, que de acordo com o entrevistado se prolongam com algumas experiências expostas nas transcrições abaixo e já outros reduziram a responder só o que consideraram necessário. As entrevistas foram gravadas em áudio.

## **2.6 Análise de dados**

A interpretação e a análise dos dados é um instrumento importante para obter os resultados e averiguar a comprovação ou não das hipóteses, sendo esta uma parte fundamental no decorrer da pesquisa. Por isso, para a tabulação da pesquisa, foram aplicados questionários a professores e alunos.

Além disso, o questionário foi organizado com perguntas fechadas e abertas sobre questões que decorressem a autenticar inteiramente a temática proposta. Os questionários foram aplicados no Colégio a um total de 275 alunos do Ensino Médio e 27 professores.

Para obtermos um melhor entendimento nos questionários aplicados, foram realizadas perguntas fechadas e abertas a professores para facilitar a interpretação e perceber como a lei está sendo utilizada nas práticas pedagógicas dos educadores:

- Você conhece a lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre História da África e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino?

## 2.6 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa não se preocupa com os números, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Como afirma Gerhardt apud Silveira e Córdova (2009)

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (Silveira e Córdova 2009, p.31)

Nesta pesquisa o cientista é sujeito e o objeto de suas pesquisas. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é produzir informações enraizadas, pequenas ou grandes. O que importa é que produza informações (GERHARDT APUD DESLAURIERS, 1991, p. 58)

Por isso, para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos a natureza qualitativa que propende à realidade e o indivíduo.

## 2.7 Análises da pesquisa com os alunos

Os alunos são sujeitos importantíssimos na construção desta pesquisa, por isso, realizamos observações, conversas informais e questionários buscando as informações sobre o que sabem sobre a lei 10.639/2003 e a aplicabilidade da mesma em sala de aula.

Nessa concepção, o sujeito-aluno é entendido como síntese de múltiplas relações sócio-históricas, em constante construção e (trans) formação. É compreendido na sua heterogeneidade e diversidade, as quais são entendidas não como diferenças, mas como constitutivas ao próprio sujeito. Assim, a construção do conhecimento é, ao mesmo tempo, processo e produto (ir e vir), sendo que os elementos constituintes desse processo são: a) a linguagem; b) a mediação; c) a interação; d) a apropriação; e) os conceitos espontâneos e científicos.<sup>2</sup>

Percebe-se que o aluno é o principal sujeito do processo de ensino aprendizagem, no meio social onde está inserido. Com base nisto foram levantados alguns questionamentos a alunos e professores, e respectivas análises que serão apresentados a seguir através de tabulação de dados.

---

<sup>2</sup> Extraído do site: [http://www.nwk.edu.br/intro/show\\_institucional.php?catid=11](http://www.nwk.edu.br/intro/show_institucional.php?catid=11)

## CAPITULO III:ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS A ALUNOS E PROFESSORES.

### 3. Questionário Aplicado Aos Alunos

O resultado apresentado foi que a maioria dos alunos respondeu que nunca presenciou situação racista na escola, porém na questão abaixo a maioria acredita que existe racismo no contexto escolar. Confirmando o que muitos autores dizem que no Brasil o racismo é velado e que muitas pessoas dizem não ter preconceito, racismo, mas conhecem uma ou mais colegas racistas. Conforme afirma a pesquisa do instituto Data folha de 1995, “os brasileiros sabem haver, negam ter, mas demonstra, em sua imensa maioria, preconceito contra negros” (RODRIGUES, 1998, p. 11).

<b>7) Você acha que na sua escola existe racismo?</b>		
	<b>F</b>	<b>%</b>
Não	77	28,00
Sim	196	71,27
Talvez	2	7,3
<b>Total Geral</b>	<b>275</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

### 3.1 Tabulação De Questionário Aplicado A Vinte E Sete Professores

<b>Formação</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Licenciatura em Biologia	1	3,70
Licenciatura em Educação Física	1	3,70
Licenciatura em Geografia	3	11,11
Licenciatura em Geografia e Especialização em Educação Ambiental	1	3,70

<b>1) Você já presenciou algum tipo de racismo na sua escola?</b>		
	<b>F</b>	<b>%</b>
Não	175	63,64
Não respondeu	12	43,6
Sim	88	32,00
<b>Total Geral</b>	<b>275</b>	<b>100,00</b>

Licenciatura em Geografia	1	3,70
Licenciatura em História	4	14,81
Licenciatura em História e Física	1	3,70
Licenciatura em História		
Especialização em História da África	1	3,70
Licenciatura em História		
Especialização Met.do Ensino de História; Tecnologia em Educação	1	3,70
Licenciatura em Letras	2	7,41
Licenciatura em Letras e em Química	1	3,70
Licenciatura em Letras com Inglês		
Pós Em Estudos Literários	1	3,70
Licenciatura em Letras com inglês	4	14,81
Licenciatura em Letras com Inglês		
Especialização em Língua Portuguesa e Mestranda em Inovação Pedagógica	1	3,70
Licenciatura em Letras e Inglês	1	3,70
Licenciatura em Letras Pós em Metodologia da Língua Portuguesa, Matemática, Pós em docência da Matemática	1	3,70
Licenciatura em Matemática	1	3,70
Licenciatura em Música	1	3,70
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	

Fonte: Questionários elaborados pela autora

<b>Disciplina que leciona</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Artes	1	3,70
Biologia	1	3,70
Educação Física e Matemática	1	3,70
Física	1	3,70
Física, Língua Inglesa, Redação Língua Portuguesa	1	3,70
Geografia, Filosofia e Sociologia	1	3,70
Geografia, sociologia e Filosofia	1	3,70
Geografia	1	3,70
Geografia, Sociologia, Biologia e Ciências	1	3,70
História	1	3,70
História e Sociologia	2	7,41
Inglês	1	3,70
Inglês	1	3,70
Língua e Licenciatura	1	3,70
Língua Inglesa	1	3,70
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	1	3,70
Língua Portuguesa e Redação	1	3,70
Matemática	4	14,81
Matemática e química	1	3,70
Química	2	7,41
Sociologia	1	3,70
Inglês		3,70
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Diante desses dados, nota-se que alguns professores lecionam disciplinas fora da área de formação.

<b>Jornada de Trabalho</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
180 horas	1	3,70
20 horas	1	3,70
40 horas	22	81,48
60 horas	3	11,11
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Estes dados mostram que a maioria dos professores tem uma jornada de quarenta horas semanais de trabalho.

<b>1) Você conhece a lei 10.639\2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre História da África e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino</b>		
	<b>F</b>	<b>%</b>
Já ouvir falar	1	3,70
Não	4	14,1
Não profundamente	1	3,70
Parcialmente	1	3,70
Sim	19	70,37
Tenho Conhecimento	1	3,70
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Nota-se que a maioria conhece a lei, porém mesmo com boa parte conhecendo, não quer dizer que utilizam em sua prática pedagógica.

<b>2) Você trabalha com temas que envolve a questão racial em sua disciplina?</b>		
	<b>F</b>	<b>%</b>
As vezes	4	14,81
Não	6	22,22
Raramente	1	3,70
Sempre	1	3,70
Sim	15	55,56
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Uma boa parcela afirmou que trabalha com essa temática, porém diante das entrevistas os professores disseram que trabalham este tema de forma isolada de sua disciplina. Como afirma Souza, Jesus e Cruz:

Há necessidade de introduzir a temática sobre História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo escolar a partir da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade trabalhando-a, assim, de forma que haja envolvimento da escola como um todo, envolvendo também a comunidade extraescolar. (SOUZA, JESUS e CRUZ, p.5, 2012)

<b>3) Você já presenciou alguma cena de racismo em sua escola? E qual foi o seu posicionamento diante da situação?</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
É recorrente	1	3,70
Não	22	81,48
Sim	4	14,81
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

A maioria afirma não ter presenciado nenhum posicionamento racista, porém no período de realização das entrevistas uma professora que tinha fornecido o seu depoimento afirmando nunca ter presenciado, narrou que logo após ter fornecido a entrevista presenciou em uma de suas aulas uma menina negar realizar determinada atividade avaliativa pelo fato da colega ser negra.

<b>4) Você sabe qual a importância dessa lei?</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Divulgação das raízes culturais	1	3,70
Não	1	3,70
Sim	25	92,59
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Todos, exceto um, responderam que sabem sobre a importância da lei, mas a questão da aplicabilidade em sala de aula é restrita a alguns pela falta de um currículo e plano que contemplem a discussão desta temática em todas as disciplinas de forma transdisciplinar. Vale ressaltar que o artigo da lei não enfatiza o trabalho apenas nas disciplinas obrigatórias:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra' (BRASIL, 2003. n.p.).

No segundo inciso a lei é bem enfática que os conteúdos referentes à História e cultura Afro-Brasileira deverão ser ministrados em todo currículo escolar, com isso vemos que independe da disciplina ser obrigatória ou não.

---

**5)Você percebeu alguma mudança nos livros didáticos, depois da implantação dessa lei?**

	F	%
Alguns	1	3,70
Em Alguns sim outros não	1	3,70
Não	6	22,22
Não observei	1	3,70
Não percebi	1	3,70
Poucas Mudanças	5	18,52
Sim	12	44,44
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Nota-se que a grande maioria não percebeu mudanças nos livros didáticos depois da implantação dessa lei e dos que responderam que perceberam a mudança foi muito pouca ou insignificante, como afirma Guedes, Nunes e Andrades (2013):

Apesar de muitos materiais didáticos sobre o assunto terem sido produzidos e, revisões nos conteúdos serem realizadas a fim de desenvolver a prática pedagógica sem as deturpações que fizeram parte do estudo da África nas escolas durante anos, ainda não há uma coerência entre a teoria e a prática no que diz respeito a essa lei.(2013,p.424)

Realmente, mesmo diante das mudanças no livro didático a imagem do negro ainda é inferiorizada, pois o negro não vive em escravidão como nos tempos antigos, porém muitas exercem profissões que outrora eram exercidas por brancos e acabam recebendo salário menor que o branco.

---

**6)Na sua escola há projetos que trabalham com a valorização da cultura Afro-brasileira ?**

As vezes	2	7,40
Não	8	29,63
Poucos	2	7,41
Raramente	1	3,70
Sempre	2	7,41
Sim	12	44,44
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Uma boa parte afirma que há projetos, só que é percebido nas conversas com alguns professores que existem outros temas que têm prioridade. Como afirma Santos (2010) em seu artigo.

Percebemos que para efetivar a lei, não é tarefa só dos professores, mas sim de toda a escola, de todas as disciplinas, não apenas como um projeto, em datas comemorativas, mas sim em todo o decorrer do ano letivo, pois é preciso que se recupere o orgulho de ser negro, de se buscar uma pedagogia de auto-estima. Devem os professores, ao tratar a História da África e da presença negra no Brasil, fazer abordagens positivas, claro que não deixando de mostrar todo o sofrimento dos negros, mas principalmente salientando as várias lutas de resistências empreendidas por eles (Malês-1835, Cabanagem-1835/1840, Balaiada-1838/1841 e Palmares).(Santos,2010,p.2)

Diante desta análise e afirmações é possível afirmar que para que aconteça mudanças em relação a discriminação racial é necessário que todos os sujeitos educacionais estejam envolvidos neste projeto de forma contínua e participativa, trabalhando em todo ano letivo.

<b>7) Você se acha preparado para trabalhar essa temática em sala?</b>		
Bastante Polêmica	1	3,70
Em partes	1	3,70
Não	4	14,81
Não	2	7,41
Sempre	1	3,70
Sim	18	66,67
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

É o que afirma Guedes, Nunes e Andrade(2013): muitos professores se encontram despreparados para trabalharem sobre esse assunto e as escolas não se interessam em levar esse tema adiante, tendo pequenos destaques nas datas comemorativas, nos dias da consciência negra e ou dia 13 de maio, não havendo uma reflexão significativa com os alunos sobre essa temática.

<b>8) Diante da sua experiência em sala de aula você notou se houve mudanças positivas nas relações entre alunos negros e brancos?</b>		
	<b>F</b>	<b>%</b>
Alguns Avanços	1	3,70
Muito pouco	1	3,70
Não	2	7,41
Não	1	3,70
Poucas	2	7,41

Sim	19	70,37
Um pouco lenta	1	3,70
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

A maioria pontuou que sim, nesta instituição realmente foi identificado que a questão de discriminação racial não é muito marcante, mas não deixa de existir outros tipos de preconceitos. Houve relatos, por exemplo, de que o peso em excesso é motivo para escárnio entre muitos alunos, e as vítimas costumam ser chamadas de “baleia” e outros apelidos.

Diante dos dados, é possível afirmar que aparentemente houve mudanças, pois já fiz parte da mesma instituição como estudante e ouvia com frequência discursos de colegas com posicionamento racista, casos, inclusive, pelo simples fato de ter uma posição econômica confortável. Mas vale ressaltar que o racismo nem sempre é apresentado de forma explícita, muitas vezes acontece de forma velada.

**9) Você acha que sua escola está preparada para lidar com qualquer tipo de discriminação seja racial, social ou econômico ? Justifique sua resposta.**

	<b>F</b>	<b>%</b>
Bastante Complexo	1	3,70
Encontra dificuldades	1	3,70
Não	4	14,81
Não é fácil	1	3,70
Nem todas as escolas	1	3,70
Sim	19	70,37
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Questionários elaborados pela autora

Os dados coletados mostram que a maioria dos professores acredita que a escola está preparada para lidar com qualquer tipo de problema que envolva questões raciais, sociais ou econômicas.

### **3.2 A Realização Das Entrevistas Com Os Professores Do Ernesto Alves**

As entrevistas com os professores tiveram uma duração de 16 a 20 minutos, sendo realizadas no mês de outubro de 2016, na sala de aula, enquanto aplicavam provas, bem como na direção, sala dos professores e até mesmo no pátio do colégio.

Houve resistência por parte de alguns docentes para a realização das entrevistas: dos vinte e sete educadores que responderam ao questionário, apenas quinze aceitaram ser entrevistados.

No processo de realização das observações e entrevistas, pude perceber pelo depoimento de alguns professores, o despreparo dos educadores principalmente nas áreas de ciências da natureza e exatas. Muitos destes desconhecem a lei 10.639/2003. Além de muita resistência por parte de alguns professores em darem seu depoimento, principalmente os da área de exatas e humanas, algumas desculpas dadas foi que tinham vergonha de serem entrevistados, outros diziam que não tinham nada a ver com sua disciplina e houve aqueles que disseram que já haviam respondido ao questionário e não precisava conceder a entrevista.

No âmbito escolar e acadêmico, as Africanidades Brasileiras constituem-se em campo de estudos, logo, tanto podem ser organizadas enquanto disciplina curricular, programa de estudos abrangendo diferentes disciplinas, como área de investigações. Em qualquer caso, caracterizam-se pela interrelação entre diferentes áreas de conhecimentos, que toma como perspectiva a cultura e a história dos povos africanos e de descendentes seus nas Américas, bem como em outros continentes. (SILVA, 2005, p.161)

Alguns depoimentos foram aplicados na sala dos professores, outros em sala de aula e até mesmo no corredor, assim algumas questões foram mencionadas para serem respondidas, entretanto, nem todos deram sua opinião sobre o assunto.

Diante deste contexto seguem, logo abaixo, os depoimentos prestados pelos professores, que ressaltam sobre a aplicabilidade da lei 10.639/2003 em suas práticas pedagógicas na escola Ernesto Alves de Castro, professores esses de Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química, Literatura, História, Geografia, Sociologia, Inglês e Redação.

### **3.3 Entrevistas**

A primeira pergunta feita, de forma semidirigida, que ocorre quando há uma conversa preliminar entre entrevistador e entrevistado esclarecendo o que é de interesse de ambos, foi a seguinte:

- 1) Em Relação às Práticas Pedagógicas você trabalha com a lei 10.639/2003 em sua disciplina?

É possível sim, trabalhar com textos, material que abordem o tema. Tem como tranquilamente. A questão é que precisa haver um aprofundamento

maior, tanto da lei: um entendimento, uma discussão maior, como até os instrumentos de trabalho. Os livros têm abordado muito pouco, o foco não é muito forte. De forma isolada vêm trabalhando um ou outro professor, mas assim, não todos. Com um empenho geral, não. Precisa um aprofundamento maior. (Professora nº 1)<sup>3</sup>

Não, porque geralmente é calculo e as turmas de matemática a parte de ensinamento e resolução de problemas. (Professor nº 2)<sup>4</sup>

Ao realizar a entrevista com este professor ele apenas permitiu um pequeno depoimento, pois afirmou que não sabia nada a respeito dessa lei e sua disciplina só envolvia cálculos.

A gente tem alguns projetos que atendem a essa exigência, do bom sentido da lei, mas na língua inglesa esse tipo de conteúdo é basicamente trabalhado, infelizmente, a área de ciências Humanas. Mas trabalha o pessoal de história, geografia, sociologia e filosofia. De modo geral trabalha com a temática, embora seja uma exigência transversal. Todo professor, toda área tem essa obrigação de fazer esse trabalho. É muito difícil a gente presa, mas quando tem algum texto que fala da temática a gente acaba trabalhando, mas não é um trabalho sistemático. Como no cotidiano ainda não foi colocado, no cotidiano da escola, infelizmente é um trabalho, um projeto especial... Esse ano não trabalhamos projeto, agora não sei se vai entrar em novembro, dia da Consciência Negra. Provavelmente a gente vai ter alguma temática neste sentido. Vai ter uns textos, palestras, alguns textos que foi solicitado aos professores, que direcionassem os textos (...) trabalhem com textos, conteúdos para a temática. (Professor nº 9)<sup>5</sup>

Primeiro eu acho assim que você não pode deixar de lado esta questão histórica, porque quando você vai trabalhar, digamos, história antiga, automaticamente você está desvendando o mundo. É no continente africano, então isso propõem ao professor uma discussão muito mais ampla e resgatar a ideia de que continente africano é o portal do mundo. Então isso pra mim é bem vantajoso, agora, especificamente, quando você vai tratar dos reinos africanos, e hoje alguns livros didáticos traz essa discussão, melhora ainda mais, porque você, além desses conteúdos, você pode propor aos meninos uma serie de pesquisas pra que eles possam também buscar entender esse lado em que a lei determina a questão da África.(Professor nº 12)<sup>6</sup>

Não!, não, porque a minha disciplina não tem nada a ver com a realidade, não vai acrescentar em nada.(Professor nº13)<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Formada em Licenciatura em Letras leciona a disciplina de Língua Portuguesa e Redação. Trabalha 40 horas e tem 21 anos de atuação.

<sup>4</sup> Formado em Educação Física leciona as disciplinas de Educação Física e Matemática, tem 31 anos de atuação e trabalha 40 horas.

<sup>5</sup> Formada em Licenciatura em Letras com inglês e Pós Graduação em Estudos Literários, leciona as disciplinas de Língua Inglesa tempo de atuação 23 anos e trabalha 40 horas.

<sup>6</sup> Formado em História leciona a disciplina de História. Tempo de atuação: 26 anos. Trabalha 180 horas.

<sup>7</sup> Formada em História e Física leciona a disciplina de Física. Tempo de atuação: 20 anos. Trabalha 40 horas.

O problema é que não trabalho essas coisas não. Que método é? Biologia, menina, eu não trabalho com esse negócio não (Você conhece essa lei?) Não. Isso tudo tu leu o meu escrito, lê meu escrito que tu vai ver. Eu não conheço nada de lei não, mulher! pela amor de Deus! eu não conheço nada de lei, eu não sabia nem o que era naquele dia (Você não trabalha com essa temática?) Não ( Nenhum ACC apresenta um projeto que trabalhe com essa temática?) Não, nunca trabalho, Dani essa lei como projeto! Eu mesmo tô totalmente fora. Era bom tu fazer em cima dos professores que tu pesquisou, que ai você ia procurar professores que fazem, você já sabe que o restante não faz. No meu livro didático a única coisa que eu iria falar é essa questão da raça, na questão dos fenótipos. Mas na verdade eu nem trato da questão da raça, a única coisa que eu trabalho nas minhas aulas é no 3º ano só quando eu entro em genética na parte da fenotípica a questão da eugenia que ai eu explico a homozigose, através da eugenia, a única coisa que eu trabalho, mas eu não trabalho raça, não! eu não considero cor da pele, questão de raça, eu considero isso ultrapassado, ( Você trabalhar como essa questão racial?) Não trabalho, é isso que eu tô dizendo, eu não trabalho. É porque eu tô vendo que tem esse negócio: a raça que engloba características fenotípicas, só que é uma questão genética, é do meu assunto do 3º ano, só que eu não trabalho com raça, eu trabalho a respeito dos fenótipos, a respeito da cor da pele, mas trabalho assim, a questão geneticamente e não fenotipicamente trabalho geneticamente, mas não trato de raça, das diferenças de raças, eu trato da questão da eugenia de Hitler que se inspirou em Mendel pra poder montar a eugenia através da eugenia pura da homozigose. E ai eu ainda trato, mas muito superficialmente. (Professor nº14)<sup>8</sup>

Entre estes professores entrevistados, apenas três dizem que é possível, porém não é notada a firmeza de todos em relação à prática da lei envolvendo suas atividades. A professora nº 14 de Biologia que disse que não trabalhava com essa temática pontuou que nem conhecia esta lei, e a mesma só concedeu a entrevista após muitas súplicas, e só respondeu esta questão. Nota-se que há áreas que trabalham apenas o conteúdo de sua grade de ensino e a interdisciplinaridade não é vista principalmente nas disciplinas exatas e de ciências da natureza, talvez pelo fato da não obrigatoriedade em tratar sobre a temática.

## 2) Na escola tem projetos que envolvem essa temática?

As disciplinas que mais trabalham com essa temática é História, os professores tiveram alguns cursos, teve um pessoal que fez um curso com o tema de cultura Afro, até oferecido pelo próprio Estado. Então tem tido alguns projetos, algo ainda, não de forma total, aquém do objetivo da lei. (Professor nº1)

Acho que na área de Humanas sim, na área de exatas não. (Professor nº2)

---

<sup>8</sup> Formada Licenciatura em Biologia leciona a disciplina de Biologia. Tempo de atuação: 13 anos. Trabalha 40 horas.

Sempre trabalhamos, sempre que surge, mas precisamente, a escola sempre trabalha, coloca projetos que abordam o tema, sempre nesta questão do negro, da questão da cultura afro, da valorização, do respeito. Então, sempre que surge atividades em relação a isso, discute, debate em sala de aula coloca questões abertas, principalmente através de textos. E como trabalho com literatura brasileira então estes textos, temas, sempre surgem no dia a dia. De certa forma termina abordando, falando, questionando, colocando alguns aspectos que abrangem esta questão do respeito à diversidade, do respeito ao diferente, independente de etnia, de raça, classe social, opção sexual, enfim... São temas que corriqueiramente sempre surgem através de reportagem, de assuntos que acontecem no cotidiano; vem para sala de aula o que de certa forma abordam... Alguns dias atrás passou na mídia, que até pouco tempo a mídia não valorizava negro. Negro era tido como cidadão de segunda classe, era empregado, motorista, que limpava, era serviçal, trabalho como serviente. Sempre em português a gente aborda.(Professor3)<sup>9</sup>

Trabalha com projeto, a África, a lei também. Geografia também trabalha. Junto a gente faz um propósito interdisciplinar. Quando acontece a semana de cultura a gente sempre faz no dia da Consciência Negra, da Cultura Brasileira. Houve mudanças lentas, mas sim. Em relação, por exemplo, em 25 anos de ensino eu percebo, de uns cinco anos pra cá, a mudança, de 3 anos pra cá, a mudança mais rápida na questão das músicas. É quando você fala, por exemplo, a um aluno, hoje em dia você fala: "quem gosta do hip hop?" todo mundo já fala, eu gosto, eu canto. Quando fala: "quem quer dançar o funk" eles já querem. Antigamente, talvez isso fosse mais difícil. Talvez numa escola particular você encontre certa dificuldade, mas na nossa escola, pelo menos aqui no ERNESTO ALVES, a aceitação é boa.(Professor nº 4)<sup>10</sup>

As unidades são temáticas, a gente trabalha com temáticas, geralmente sempre a gente coloca algum tema de uma unidade. Agora esse ano foi muito corrido, tem projetos que são obrigatórios como TAL, FACE .

Física, mas matemática, trabalho com os dados de estatística, dá para trabalhar, agora física, pelo menos esse ano, até agora não, mas matemática já trabalhei na minha área de exatas. Física mesmo não tem nada que aborde o tema, matemática como não trabalho só com o livro coloco assuntos que envolvem em dados e estatísticas. (Professor nº5)<sup>11</sup>

Já teve projetos que foram trabalhados, só que esse ano teve outros projetos que falou sobre isso claro, mas não deu para trabalhar porque todo dia surge um projeto novo e a escola precisa elaborar, fazer intervenções. (Professor nº 6)<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Formada em Licenciatura em Letras com Inglês leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, tem 26 anos de atuação e trabalha 40 horas.

<sup>10</sup> Formada em Licenciatura em História e Especialização em História da África leciona as disciplinas de História e Sociologia. Tempo de atuação: 30 anos e trabalha 40 horas.

<sup>11</sup> Formada em Letras, Pós graduada em Docência da Matemática, leciona as disciplinas de Física e Matemática. Tempo de atuação: 17 anos. Trabalha 60 horas.

<sup>12</sup> Formada em Licenciatura em Geografia leciona as disciplinas de Geografia, Sociologia, Biologia e Ciências. Tempo de atuação: 16 anos. Trabalha 40 horas.

Na fala desta professora percebe-se que há outros projetos mais importantes a serem trabalhados do que a questão da Africanidade. Para a mesma, era melhor trabalhar com o pobre, não com o negro, se esquecendo de que este teve um papel importante na construção da história brasileira, como afirma Silva:

Se a história ensinada na escola souber contemplar também a vida vivida no dia-a-dia dos grupos menosprezados pela sociedade, então, estaremos ensinando e aprendendo a história brasileira integralmente realizada. Conforme o entendimento de Gigante (1994), a valorização da história dos grupos populares, registrando o que em suas memórias está guardado de suas experiências, é tarefa que pode ser realizada por professores e alunos, a partir da comunidade em que a escola está inserida. Desta forma, pondera o autor, todos os que constroem o Brasil estarão presentes nos conteúdos escolares. (SILVA, p.165)

A gente trabalha com documentos, textos também que contemplam muito bem esta questão. (Professor nº7)<sup>13</sup>

Há no projeto da escola... há uma indicação pra que se possa em novembro... se possa estar culminando os resultados de atividades que foram feitas ao longo do ano, então se faz uma seleção para que se possa estar fazendo amostragem justamente por conta a ideia da visibilidade, mas também que não venhamos a trabalhar na semana de 20 de novembro, mas que possamos estar trabalhando ao longo do ano e que seja feito a amostragem do resultado de cada trabalho desenvolvido dentro daquele período, como por exemplo, em Literatura portuguesa, determinados elementos, determinados personagens é ali colocado e a partir dali traz... nesse momento a gente está vendo o que foi discutido lá e fazer como forma de amostra a indicação do projeto da escola... ai desde o Projeto Político Pedagógico que montou em equipe e lá foi evidenciado uma proposta de trabalhar dessa forma,( Se trabalha com todas as disciplinas?) Na verdade é que se trabalhe com todas as disciplinas no foco de estar envolvendo seu trabalho, mas a gente entende que na verdade o que acontece por traz do trabalho é a questão de uma ideologia que a gente não pode negar. Dai alguns, mesmo diante da lei, a forma como trabalham, não quer ser feito e outros acabam surtindo efeito, o importante é que o trabalho não se seja mecânico, mas refletir essa condição é fazer com que o menino possa no seu

---

<sup>13</sup> Formada em História leciona as disciplinas de Sociologia tempo de atuação 17 anos trabalha 40 horas

dia a dia, na sua vida, é que possa cobrar o que é lhe é de direito porque quem não cobrar o que é seu, na verdade não digno de tê-lo, é importante a gente estar cobrando o tempo todo isso, fazer com que o menino possa estar cobrando isso, tá consciente da necessidade de cobrar isso de exigir ser tratado da forma como deve, não como o outro queira.(Professor nº11)<sup>14</sup>

Este professor afirma que é trabalhada a temática com todas as disciplinas, porém o que foi ouvido de alguns professores é que não existe projeto que envolva este tema, possa ser que seja trabalhado na semana da Consciência Negra. É o que acontece nas maiorias das escolas do nosso país. Como afirma Guedes (2013),

é nesse contexto que em muitas escolas brasileiras, tanto de ensino fundamental quanto médio, a lei 10639/03 não é muitas vezes aplicada de fato, pois há um despreparo de alguns professores sobre o assunto, ou existe uma falta de interesse da própria escola em levar adiante o tema, voltando-se apenas para comemorações de datas como o dia da “Consciência Negra” ou “13 de Maio”, não refletindo sobre o real significado destas datas, perdendo-se, assim, a oportunidade de instigar os alunos sobre o tema.(GUEDES et al,p.425.2013)

Como já citado, nota-se que os profissionais das disciplinas obrigatórias enfatizam que o tema é trabalhando na sua área, porém percebe que envolvem o tema de forma de isolada.

Aqui na nossa escola já fizemos projetos que vai descortinar não só esse processo de transdisciplinaridade, mas também de ações referentes não só na área de inglês, não só na área de História e Geografia já foi feito e realizado aqui maquetes, apresentações, pesquisas em torno desses elementos culturais, e que há uma associação desses conteúdos dados. (Professor nº 12)<sup>15</sup>

Geralmente os projetos são feitos para cada área do conhecimento. Existe o projeto de Ciências Humanas, existe um projeto direcionado a linguagem, existe um projeto direcionado à ciências da natureza e ai cada projeto desse

---

<sup>14</sup> Formado em Letras leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. Tempo de atuação: 23 anos. Trabalha 40 horas.

<sup>15</sup> Formado em História leciona a disciplina de História tempo de atuação 26 anos e trabalha 180 horas..

tem os professores direcionados àquela área, entendeu? ai quando é Física, Química e Biologia a gente faz a feira de Ciências que vai acontecer a semana que vem e no caso da lei 10.639 quem trabalha mais é o pessoal da área de ciências humanas: História, Geografia, Sociologia. Não que a gente não participe desses projetos, a gente participa, mas é para fazer gráficos, contagem de alguma coisa de população, maquetes. A gente auxilia neste sentido, mas não trabalha diretamente com a questão, a lei 10.639. No que corresponde ao calculo, à medida a maquete, a fazer uma projeção para fazer um gráfico ai a gente auxilia, voltada às Ciências da Natureza, mas trabalhar especificamente a questão da lei não. (Professor nº13)<sup>16</sup>

Olha, aqui nunca vi na escola projetos e acho que as pessoas tem medo de tocar nesse assunto, as pessoas, é lógico, professores: eu, como sou um professor de Artes sou mais liberal e não tenho, eu não estou enraizado neste sentimento racista, por ser mais liberal. Então toco no assunto abertamente, sem estar colocando a questão de melhor ou pior. A gente nota que os professores têm um pouco de receio de colocar essas questões, até pessoas negras ou mestiças, brancas tem. Assim, acho que é uma falta de consciência, que a opinião dele também pode mudar a visão daquele aluno, por falta de projetos na escola. É um tema também bastante delicado que não se pode falar abertamente. Lá fora você pode falar pejorativo sobre as pessoas: galego, branquinha, neguinha , e tal e tal, mas aqui você não pode, justamente por essa questão dessa falsa moral que existe, principalmente que as pessoas deveriam ser tratadas como gostassem de serem tratadas. É... nunca se colocou um projeto. É até interessante se colocar, agora, com muita delicadeza. Seria uma coisa bastante delicada, tem que colocar essa questão bastante delicada pra não chocar. (Professor nº 15)<sup>17</sup>

Por último o professor de artes relatou sobre o medo de professores em trabalhar essa temática, o que deixa bastante explicito que mesmo com a implantação da lei a escola não encontra-se preparada para trabalhar essa temática. O Projeto Político Pedagógico até fala em diversidade, mas não deixa específica uma proposta de ensino para ser trabalhada durante o ano letivo, desde modo, mesmo sem ter indícios de racismo visto por professores e alunos, sabe-se que o preconceito racial existe e é importante que se construa um currículo que discuta a lei e que haja uma conscientização do respeito, valorização do outro independente de raça, cor e religião.

---

<sup>16</sup> Formada em História e Física leciona a disciplina de Física tempo de atuação 20 anos trabalha 40 horas

<sup>17</sup> Formado em Música, leciona a disciplina de Artes. Tempo de atuação: 26 anos. Trabalha 40 horas.

### 3) Você já presenciou algum tipo de racismo?

Não diretamente, tem aquelas brincadeiras a coisa velada assim que leva na brincadeira, não assim diretamente, aquele racismo forte ou aquela separação, você é negro e eu sou branco. Não, até porque o nosso aluno é muito mestiço, há uma mistura muito forte do negro, daquele mais moreno que o cabelo já não é mais tão lisinho e aí você vai identificando que não há. Na nossa região há essa característica e há muitos negros na nossa escola. O preconceito ele não é.... E eles também não carregam esse preconceito forte. Vemos uma certa proteção entre eles.

Depende da questão, da região também. A região mais racista é a região sul a forte questão do nordeste, da própria situação financeira. Mas lá você percebe que o branco é muito forte pela própria característica da região deles, o alemão, o espanhol é muito forte.(Professor nº1)<sup>18</sup>

Não eu não vejo racismo. São muito assim: uns com os outros são muito cúmplices, não tem muito a questão do racismo. Não vejo assim, mesmo porque não tem nem como. Basta eles olharem que eles irão ver que são bastante iguais, bem parecidos de etnia, não tem ninguém albino, totalmente branco. Quem é totalmente branco? quem é totalmente branco na sala? através da literatura ela perpassa por essas questões e não tem como ter no país miscigenado, ter preconceito, pois viemos do europeu, do branco do índio. É complicado ter preconceito. Seria até uma incoerência, preconceito racial, nem sexual eu não vejo. Eles são muito abertos, até abertos demais. Aceitam muito bem certas coisas, uns dos outros que as vezes até chocam a questão de vida, de relacionamento. (Professor nº 3)<sup>19</sup>

Não percebo discriminação em minha sala de aula, acho que a lei devia trabalhar com a questão do pobre, porque pobre é o que precisa mais, independente de cor. Então a lei deveria abordar as pessoas menos favorecidas, não assim em relação à cor, porque para mim não existe cor todo mundo é como se fosse da mesma cor. (Professor nº 5)<sup>20</sup>

Não, nunca vi e também acho que não provocou mudanças não. As mudanças... eu não atribuo essas mudanças à lei e sim, ao próprio despertar desse aluno, pela própria sociedade que está se abrindo para essas questões. O próprio aluno está percebendo que está tendo a oportunidade de exigir

<sup>18</sup> Formada em Licenciatura em Letras leciona a disciplina de Língua Portuguesa e Redação trabalha 40 horas tem 21 anos de atuação

<sup>19</sup> Formada em Licenciatura em Letras com Inglês leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira tem 26 anos de atuação e trabalha 40 horas.

<sup>20</sup> Formada em Letras Pós graduada em Docência da Matemática leciona as disciplinas de Física e Matemática tempo de atuação 17 anos trabalha 60 horas

seus direitos, então eu acho que não atribuo a lei às mudanças que tiveram. Também acho que não foram mudanças significativas, não. Eu acho ainda a presença de negros nas universidades, ainda acontece muito...Essa questão de discriminação, só que é uma discriminação velada, não é uma discriminação aberta. Acontece de forma velada porque a gente sabe que é crime e tal, mas que não deixa de existir episódio de discriminação. Acho que é mais entre eles, entre os próprios alunos mesmo, eu mesmo... que tenha presenciado, nunca presenciei, não. (Professor nº10)<sup>21</sup>

Não, eu já percebi, acompanhei discussões acaloradas que foi um processo de implantação das cotas, então... aquela discussão nacional a respeito das cotas, aí escutei algumas coisas, alguns eu consideram até asneiras as colocações, mas eu até entendo o posicionamento de um ou outro colega. Uma vez vinha discutindo o que ele entendia, que o filho está perdendo oportunidades. (...) e depois de ter passado muito tempo a gente notou que esses cotistas tem se mostrado os melhores alunos nos cursos porque ele sabe que a oportunidade é única e ele não podia desperdiçar, ele não tinha o direito, digamos assim, de ter uma segunda opção ou terceira e dessa forma agarraram com unhas e dentes.(Professor nº 11)<sup>22</sup>

Sinceramente, não vejo cenas de racismo. Pode ser assim... uma coisa oculta, mas diretamente exposta, você não vê isso, mas acho que a questão do preconceito racial, aliás, eu estava lendo Jorge Amado e Jorge fala que o próprio negro é racista; e um certo dia estava assistindo na tv cultura o Jorge Amado falando sobre o racismo: ele é um cara que trabalhou João Ouricuri, falou que obra dele usou raça negra, o canto candomblé, e outras culturas negras, afro. Ele próprio fala na questão: “não, rapaz, o branco pode ser racista, mas também o negro pode ser racista, isso é muito relativo” essa questão de você definir quem é e quem não é racista tem muito isso. Todos tem um pouco de racismo, agora vamos trabalhar essa questão .(Professor nº 15)<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Formada em Licenciatura em Geografia leciona as disciplinas de Geografia, Sociologia e Filosofia. Tempo de atuação 16 anos trabalha 40 horas.

<sup>22</sup> Formado em Letras leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura tempo de atuação 23 anos trabalha 40 horas.

<sup>23</sup> Formado em Música, leciona a disciplina de Artes tempo de atuação 26 anos trabalha 40 horas.

Os professores entrevistados apresentaram uma resposta semelhante que nunca tinha presenciado, entretanto acreditam num racismo velado, oculto, e o mais interessante foi que uma professora, depois de alguns dias que tinha dado a entrevista informou que uma aluna tinha se posicionado de forma racista na realização de uma atividade chamando a colega de negrinha.

4).No colégio já houve eventos que envolva essa temática?

Dentro da minha área, não, agora nas áreas de humanas, acho que sim. Acho que já há um projeto na área de afrodescendência nas disciplinas de História e Geografia, não me lembro. Deve fazer projeto que englobe todas as disciplinas..(Professor nº2)<sup>24</sup>

Percebe-se nesta entrevista o desconhecimento da questão afro-brasileira, pois como afirma Silva(2005) tem, sim, como trabalhar até nas disciplinas exatas o tema Africanidades:

Ao desenvolver conteúdos da disciplina, se o professor estiver atento às Africanidades, valer-se-á, certamente, de obras ainda raras entre nós que mostram construções matemáticas africanas de diferentes culturas, pois como pondera Asante (1990), não é possível compreender o que há de africano na América enquanto fonte e origem, sem voltar nosso olhar e curiosidade à África. Assim sendo, ao trabalhar geometria, volume e outras medidas, chamará o professor a atenção, ilustrando com imagens, para o fato de que estes eram conhecimentos do domínio dos antigos egípcios, o que permitiu-lhes construir obras monumentais como as pirâmides. Buscará mostrar fotografias do antigo reino do Zimbábue, destacando, por exemplo, as torres cônicas das muralhas do templo. Mais do que isto, valer-se-á o professor de expressões da arte africana, como as pinturas que os Ndebele fazem em suas casas. Com isto, irão aprendendo diferentes caminhos trilhados pela humanidade, através de povos de diferentes culturas, para a construção dos conhecimentos que vêm acumulando.(SILVA, 2005,p.161-162,)

5).Houve mudanças no livro didático depois da lei?

Mudou muito, o inclusive o livro de português. Há anos que trabalho aqui e nunca tivemos com um livro tão bom como tivemos esse ano e assim,

---

<sup>24</sup> Formado em Educação Física, leciona as disciplinas de Educação Física e Matemática tem 31 anos de atuação e trabalha 40 horas.

bastante atual, muito interessante, questões bem atuais: o livro de Pegala, muito assim, questões bem atuais em relação a preconceito, à diversidade, a todos os temas em geral. Interessante. Eu sempre falo para meus alunos porque acontecia que na escolha de livros vinham o que eles achavam. Não sei de que forma. Mandavam de todo jeito. Agora esse ano nós escolhemos um de Pegala, muito bom, que gosto muito e é bastante crítico, bastante atual, não temos o que reclamar em relação a livro desse ano. (Professor nº 3)<sup>25</sup>

Esta professora de língua portuguesa afirmou que houve mudanças significativas no livro didático e que em sua disciplina trabalha com a temática, mas nota-se que os projetos são voltados mais para disciplinas obrigatórias. Além disso os professores, segundo a mesma, apresentam resistência em trabalhar essa temática.

Houve mudanças na estrutura do livro didático, com certeza! as gravuras são diferentes, o conteúdo já aborda questões de diferença. Você já não vê aquela escola formada lá. A gente tira por ali. Você não vê uma foto retratando só a clientela branca. Para a gente que trabalha na escola pública isso é bom porque a nossa clientela é classe baixa e você já está vendo as crianças já formando um contexto de crianças por afrodescendente, e que vai assim a gente. E não vai ter um trabalho de alcança-los; e que os livros já trazem uma boa fase, muito grande, de menina da favela, dos problemas e já manda que eles façam e comentem o que na televisão passou, para eles trazerem o rap, o hip hop, eles já trazem isso com mais a questão dos desenhos, do grafite; tudo isso a gente percebe um avanço maior, a gente não vê mais esse tema e a gente não vê e eu acho que essa geração atual é que já tem mais assim no sangue, que as de antigamente. De uns dois anos pra cá elas já se aceitam pela forma delas pentear o cabelo, como elas falam, como elas percebem o colega. A gente não percebe um etnocentrismo, cada um já aceita o seu cabelo. Tratar de discriminação a gente não trata mais. (Professor nº4)<sup>26</sup>

Não, de forma geral, não. Esse assunto é muito mais pontuado nos livros de geografia de história do que outros livros. (Professor nº 8)<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Formada em Licenciatura em Letras com Inglês leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira tem 26 anos de atuação e trabalha 40 horas.

<sup>26</sup> Formada em Licenciatura em História e Especialização em História da África leciona as disciplinas de História e Sociologia tempo de atuação 30 anos e trabalha 40 horas.

<sup>27</sup> Formado em Licenciatura em História leciona a disciplina História e é articuladora. Tempo de atuação: 20 anos. Trabalha 20 horas na articulação e 20 em sala de aula.

O que acho que a temática esta sendo trabalhada, a gente vê nos livros sobre as cotas... falando sobre a igualdade e desigualdade; também não só na área de sociologia, filosofia história geografia, mas nas outras áreas também. A temática é trabalhada, tem textos em inglês que trabalham com essa temática que fala também do respeito, essa temática aparece. (Professor nº9)<sup>28</sup>

Não percebi mudança não, eu acho que deve mudar pela questão da obrigatoriedade, mas eu acho assim que seria um assunto que deveria estar mais em evidência, mas não está. eu acho que teve um monte de coisas que teve um ênfase maior no período, depois de um tempo foi muito comentado e a gente não sabia como seria, se ia ter uma disciplina especifica, o tema ia ser trabalhado em todas as disciplinas e enfim, né? foi discutido naquele momento e hoje em dia mesmo não percebi nenhuma mudança significativa. Falo de mudanças, certamente. Deve ter tido pela questão da obrigatoriedade, então deve ter lá em algum conteúdo lá nas entrelinhas deve ter, mas não foi nada significativo.(Professor nº10)<sup>29</sup>

Houve muitas mudanças, então quando você nota, quando você pega um livro didático da década de 80, você pega um livro didático agora, as colocações são diferenciadas. Você nota um amadurecimento neste sentido, até por conta da força da lei a gente nota que nenhum autor traz, mas alguns posicionamentos que na década de 80 eram comuns. Está certo. A gente vem percebendo esse amadurecimento na seleção e construção dos textos voltados para a diferença de raça. (Professor nº11)<sup>30</sup>

A gente nota de um tempo para cá algumas mudanças, alguns autores, eu acho que mais especificamente da área de História que tem inserido todo esse contexto para que gente possa fazer um discussão melhor, certo? Mas o livro didático ainda requer muita discussão, até porque a ideia eurocêntrica de mundo ela ainda é visível e isso tem que ser, vamos dizer assim, desmistificada. Essa ideia de se apropriar da História cultural, rever o lado da história e descobrir uma prática nova para que o aluno também possa ser parte ativa desse contexto.(Professor nº12)<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> Formada em Licenciatura em Letras com inglês e Pós Graduação em Estudos Literários, leciona as disciplinas de Língua Inglesa tempo de atuação 23 anos e trabalha 40 horas.

<sup>29</sup> Formada em Licenciatura em Geografia leciona as disciplinas de Geografia, Sociologia e Filosofia tempo de atuação 16 anos e trabalha 40 horas.

<sup>30</sup> Formado em Letras leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura tempo de atuação 23 anos trabalha 40 horas

<sup>31</sup> Formado em História leciona a disciplina de História tempo de atuação 26 anos e trabalha 180 horas.

Eu acho que a mudança vem com o conhecimento das pessoas. Quando você analisa a obra de arte, o fato histórico e vê que muitas pessoas foram envolvidas naqueles fatos, naquela arte e quando você percebe, tem a consciência, a orientação do professor que aquele fato, independente de raça ou religião, foi um fato histórico e foi para um bem estar de todas as pessoas. (...) Claro que atualmente o livro não está enfatizando. Quando você vê, por exemplo, quando se fala da Dois de Julho, da revolução dos índios e dos negros, realmente, os negros expulsaram os portugueses. O livro não enfatiza isso, fala do caboclo, mas aquela coisinha mesmo por fora, mas ai poxa! a História vai mostrar tudo isso. O Brasil é um país de mestiço ninguém pode negar isso.(Professor nº 15)<sup>32</sup>

Os entrevistados em sua maioria viram pouca ou nenhuma mudança nos livros didáticos, somente os das disciplinas obrigatórias perceberam mudanças em seus livros.

6) Você acredita que houve muitas mudanças positivas depois dessa lei?

Às vezes a gente não se dá conta da lei, mas é eu acredito que ela deva ter contribuído, não só porque reflete no social, mas a questão de você chamar a pessoa de negrinha, a questão de você falar e denegrir, então tem essa questão de que tudo vem com essa relação, que digamos, a essa lei, que os grupos que eu acho, um dos grupos mais fortes é o grupo afro que luta bastante, brigam mesmo pelos seus direitos. (Professor nº 3)<sup>33</sup>

A gente percebe muito mais é por um medo e receio da lei e da punição. Na verdade eu acho que as pessoas ficam se policiando para não falarem certas palavras politicamente incorretas, mas que se não tivesse a lei voltaria as mesmas práticas de racismo aberto, de preconceito aberto que ocorria, mas assim há uma inferência. A lei veio para impedir. Agora, se não tem essa lei os inconscientes, abertamente, seriam revelados os seus preconceitos. As mudanças visivelmente foram muitas as mudanças, mas assim, as pessoas se comportam dessa forma porque tem uma lei que pode prendê-las. Não é uma mudança externa. As pessoas não fazem porque internamente elas aprenderam, internalizaram ou veem o outro como igual, como um ser

<sup>32</sup> Formado em Música, leciona a disciplina de Artes tempo de atuação 26 anos trabalha 40 horas.

<sup>33</sup> Formada em Licenciatura em Letras com Inglês leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira tem 26 anos de atuação e trabalha 40 horas.

humano, muito por força da lei que pode prender inafiançável elas caso se comportam dessa forma. É como se precise de uma lei para impedir que a coisa aconteça e sem a lei a gente iria revelar, como nos tipos de textos, de livros, de manchetes que falam em redes sociais por exemplo revelam o preconceito. Ele vai escapando depois se remedia, mas assim eu acho que no Brasil diante da ignorância, a ignorância é muito grande. É necessário uma lei para impedir, infelizmente, coisas que deveriam estar incorporada na cultura e não precisasse dessa regulamentação de tratar bem, observar o outro como igual sendo imposto por uma lei, seja a própria relação social infelizmente. (Professor nº 9)<sup>34</sup>

## 7) Você trabalha com o conceito de diferente nos seus conteúdos?

O livro já aponta alguns em relação do meu trabalho, em algumas salas de sociologia também, aí eu já faço esse trabalho com eles é com temas. Fazem, eu mando para que eles redijam textos e na sala a gente discute. (Professor nº 4)<sup>35</sup>

Realmente, não. Toda semana não. Eu acho mera história ess...a ideia de que você não coloca a educação afro-brasileira como a história, como conteúdo, que seja uma obrigação, acho que são de duas vias é ao mesmo tempo bom, porque tira um pouco dessa responsabilidade das áreas de ciências humanas, mas de modo geral fica muito diluído quando todo mundo tem que fazer e tem que ter esse trabalho, a palavra trabalho no bom sentido. Acho que produziria melhor no cotidiano de nossas aulas e infelizmente ainda não é. É muito como lhe disse, em projeto, se não tiver nenhum projeto não se trata da temática. (Professor nº 9)

Eu trabalho também Sociologia, mas é comum se trabalhar esses conceitos em determinados assuntos. Geografia também, em alguns assuntos contemplam também a questão de exclusão social. A gente percebe que essa exclusão é muito mais frequente nos negros, na parcela dessa população mais excluídas; é quem menos frequenta a faculdade, é quem participa de determinadas coisas. A gente sempre está falando, não

---

<sup>34</sup> Formada em Licenciatura em Letras com inglês e Pós Graduação em Estudos Literários, leciona as disciplinas de Língua Inglesa tempo de atuação 23 anos e trabalha 40 horas.

<sup>35</sup> Formada em Licenciatura em História e Especialização em História da África leciona as disciplinas de História e Sociologia tempo de atuação 30 anos e trabalha 40 horas.

especificamente assim, pra falar sobre diferença, mas de conteúdos que acabam dando. (Professor nº10)<sup>36</sup>

Eu faço algumas provocações com eles e eu quase sempre discuto com eles, que eu enquanto negro, por exemplo, não aceito a ideia de que somos iguais, porque na verdade somos diferentes, temos traços diferentes temos lábios grossos, na verdade o pigmento da pele é diferente. Agora nós temos direitos iguais, mas somos diferentes. Outro elemento que eu discuto com eles é o seguinte: que não é o fato do pigmento da pele que nos caracteriza com relação a nossa capacidade, isso que deve ficar evidenciado... que uma pessoa não deve ter um tratamento diferente de outro por conta do pigmento da cor da pele, muito menos pelas condições sociais. Então nós devemos ser tratados em par de igualdade, mas somos diferentes. Não vamos com a ideia que somos iguais não, então nós temos direitos iguais, mas somos diferentes. Ainda há pouco eu discutia com uma turma justamente aquele pensamento... não lembro o nome da autora “não somos descendentes de escravos, mas somos descendentes de humanos, que foram escravizados ” então isso é uma nova ou um novo ângulo a ser observado, ai é importante atentar para esse detalhe.(Professor nº 11)<sup>37</sup>

Primeiramente valorizando cada pessoa humana, todos os seres humanos são iguais, ninguém independente de cor, de raça e religião é melhor que ninguém. Como falam, esse dom de levar a vida está nas costas de cada um, como seres; uma, nós devemos respeitar as pessoas, uns aos outros, não importa a raça, se é oriental ou ocidental, negro... essas questões todas é no Brasil, na minha sala de aula. Tento trabalhar com a origem do povo brasileiro de Darcy Ribeiro quando ele fala que nosso país, no seu dizer, é país que usava as negras, as índias para realmente copular quando as sinhazinhas estavam grávidas. Dessa forma somos um país de mestiços, onde se vê mulatos, caboclos e brancos também, e na sala de aula, a gente procura, vê. Quando se toca neste sentido na sala de aula é sala de mestiço. O único país do mundo que existe essa raça como fala Darcy Ribeiro, essa raça única de mestiço, imagina! um negro com português, português com índio e vai surgir várias nuances, de formatos, cores de cabelos, de pele, de nariz, de rosto... O preconceito é ignorância de consciência desse fato social no Brasil, entendeu? pode existir por ignorância uma falta de conhecimento, entendeu? do nosso país miscigenado como ele é.

---

<sup>36</sup> Formada em Licenciatura em Geografia leciona as disciplinas de Geografia, Sociologia e Filosofia tempo de atuação 16 anos e trabalha 40 horas.

<sup>37</sup> Formado em Letras leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura tempo de atuação 23 anos trabalha 40 horas

Em sala, com relação a produções artísticas quando as pessoas dizem que o branco é melhor que o negro eu não fico preocupado com isso, eu mostro a própria história: o pai de Zé Mauricio foi um mulato, um mestiço e foi um maior compositor no Brasil colonial, então cai por terra essa ideia que o branco é melhor que o negro ou índio é melhor etc e tal. Você pegar um Osvaldo Souza, aquele poeta um grande poeta negro, você pega o próprio Zumbi dos Palmares, um grande líder como vieram aqui por Brasil a questão dos negro reis e rainhas africanas, com toda a sua cultura. Quando vê falar do Aleijadinho, José Ataíde quando já começou a pintar os mulatinhos, como ele fala... então o pressuposto que tem hoje que cai por terra toda essa questão que uma raça é superior a outra. Como nosso país a história mostra que Aleijadinho, Ataíde, Souza e um poeta que não lembro o nome dele, muito bom! e também o próprio padre José Mauricio que vivia diretamente ligado ao Dom Pedro, era professor de piano e um grande compositor, um Padre mulato e no entanto muito branco, naquela época que achava melhores. Então a história mostra que ele foi superior a todos eles que cai por terra. Então essa é minha posição que acho. Não existe raça superior nenhuma, é questão de oportunidade.(Professor nº 15)<sup>38</sup>

De maneira geral o conceito de diferente é trabalhado nas disciplinas principalmente de humanas. Como afirma Souza, Jesus, Cruz (2012),

é necessário:[...] uma maior compreensão do que significa a produção das diferenças. Seria importante debatermos mais e compreendermos que as diferenças fazem parte de um processo social e cultural e que não são, simplesmente, mais um dado da natureza. Pensar a diferença é mais do que explicitar que homens e mulheres, negros e brancos, distinguem-se entre si; é, antes, entender que ao longo do processo histórico, as diferenças foram produzidas e usadas socialmente como critérios de classificação, seleção, inclusão e exclusão. Souza, Jesus e Cruz (2012, p.6) Para Gomes (2003 apud VALENTIN e BACKES, 2008, p. 2)

## 8) A lei já foi discutida nos ACCs ?

A lei, a lei exatamente com os números não, mas a questão do negro já foi discutida, sim. Eu brincava até muito nas accs com os colegas: “olha, vamos parar com esse tema em relação ao negro, o negro já está cheio de ousadia.”

---

<sup>38</sup> Formado em Música, leciona a disciplina de Artes tempo de atuação 26 anos trabalha 40 horas.

Cada acc tem um coordenador, eu não sei como é o foco dado a cada um, como é o caso das exatas ,eu acho que humanas trabalha mais com essa questão de diversidade, da questão da atualidade e não deveria ser. Nós, professores de língua portuguesa, as vezes a gente se choca porque chega um professor de História e diz que a culpa dos alunos não estarem lendo é do professor de português, só o professor de português deve corrigir, então só o professor de língua portuguesa deve alfabetizar e não é por ai. (Professor nº1)<sup>39</sup>

Os projetos são voltados apenas para disciplinas obrigatórias ou todas. Pelo que eu participo das accs, englobam todas as disciplinas, ai fica a critério dos professores. Muitos ficam na resistência, não aderem, não participam, mas a orientação que a gente tem é que todas as disciplinas abordem esse mesmo tema, pelo menos eu sigo isto ai através das accs, da coordenação. É por ai. (Professor nº3)<sup>40</sup>

#### 10) Você conhece essa lei?

Eu já fiz um curso a respeito dessa lei, até o Estado mesmo, quando ela foi implantada, ofereceu pelo IAT um curso, não sei se foi de 120 horas... que foi até aqui na sala de multimídia, que uma parte era por vídeo conferência e a gente fez esse curso, mas eu acho que depois desse período esfriou um pouco, meio que foi para o esquecimento, não é um projeto que seja implementado todo ano não, eu lembro que em 2013 a gente trabalhou, teve assim... voltou essa discussão da lei, a gente trabalhou no mês de novembro, fez um projeto e trabalhou, mas assim não é um coisa que todo ano a gente faça, não. É mais trabalho, assim, isolado. Dado professor em sua disciplina aborda o tema, mas não que a escola desenvolva projeto interdisciplinar (Professora nº10)<sup>41</sup>

#### 11) Todas as disciplinas trabalham com essa lei?

Não.Trabalhava com a lei, às vezes. As discussões surgiam com a conversas com alunos, enquanto a gente comentava sobre preconceito, muitas vezes surgia, mas com lembra da lei que eu fazia isso por conta da lei,eu fazia isso enquanto professora mesmo porque eu acho que nosso papel enquanto em

---

<sup>39</sup> Formada em Licenciatura em Letras leciona a disciplina de Língua Portuguesa e Redação trabalha 40 horas tem 21 anos de atuação.

<sup>40</sup> Formada em Licenciatura em Letras com Inglês leciona as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira tem 26 anos de atuação e trabalha 40 horas.

<sup>41</sup> Formada em Licenciatura em Geografia leciona as disciplinas de Geografia, Sociologia e Filosofia tempo de atuação 16 anos e trabalha 40 horas.

sala de aula é tentar intermediar essa conversa com os meninos diante dos assuntos que estão na sociedade, trazer esses assuntos para sala de aula de alguma forma, debater da melhor forma possível. Então não era exatamente por conta da lei, era muito mais pelo meu papel como professora. Eu comecei quando a lei saiu em 2003, eu comecei a perceber que os livros, principalmente os livros de 5ª série, que é hoje 6º ano 7º ano a começavam a ser inserido um pouco da cultura não apenas voltada pra questão da religião. Quando a gente fala de cultura negra a gente pensa apenas na questão religiosa e ainda mais essas religiões de base africana, mas não é só isso, a gente sabe que não é só isso. Então quando começou a trazer esses temas nos livros eu percebi que vinha muito mais coisas, muito mais elementos voltados para o regime político, para o regime econômico. Não focava apenas na questão religiosa. (Professor nº8) <sup>42</sup>

Eu acho que fica mais restrita às disciplinas de Humanas da área de Humanas: Geografia, Sociologia, Filosofia, História. As demais não percebo muito a presença desses conteúdos, dessa temática. Eu percebo nos professores de História, Sociologia, Filosofia, mas nas demais disciplinas não vejo a presença da lei, ou então da temática. Não vejo, até pelo próprio planejamento do próprio curso. Se pegar o plano de curso das disciplinas, de todas as disciplinas da escola você não vai ver nem em matemática, nem na área de exatas e nem também das ciências da natureza não vejo, posso até estar errada agora, os planos de curso que tive acesso não contemplam nada, agora fica até uma sugestão para você. Se as escolas têm os planos de curso e aqui na escola tem o plano de curso e você pode até pegar para ver quais são os conteúdos trabalhados durante o ano de cada uma das disciplinas e você ( Eu peguei o PPP, que tem os planos de curso e está em processo de atualização) pode dar uma olhada ,mas fica mais restrita as disciplinas de Humanas.(Professora nº10)<sup>43</sup>

A educadora além de não ter percebido mudança nos livros de didáticos enfatizou que nem no Projeto Político Pedagógico não existe um plano de curso que contemple essa temática que seja aplicada durante o ano letivo, por isso o professor trabalha este tema de forma isolada. Como afirma Aguiar:

---

<sup>42</sup> Formado em Licenciatura em História leciona a disciplina História e é Articuladora tempo de atuação 20 anos ,trabalha 20 na articulação e 20 em sala de aula.

<sup>43</sup> Formada em Licenciatura em Geografia leciona as disciplinas de Geografia, Sociologia e Filosofia tempo de atuação 16 anos e trabalha 40 horas.

É importante ressaltar que mesmo com a presença de materiais de apoio e as diretrizes curriculares que orientam a sua prática pedagógica, ainda encontramos a atuação de professores de forma isolada, sem o comprometimento da escola como um todo. (AGUIAR, 2010, p.97)

12) Tem conhecimento dessa lei e acha que ela foi importante?

Muito, muito, porque a gente sabe que é um cultura que muita coisa que temos na história se deve à cultura africana. Impossível se falar da história do Brasil sem se falar na história africana, então a gente sempre faz essa inferência à história africana, com um legado cultural, por exemplo, quando vai falar da religião, vai falar da comida, da diversidade cultural, como um todo, é impossível não falar da cultura, e também foi um espaço muito bom que foi colocado na história; e também para que o aluno conheça melhor a história da África que até então a gente só conhecia através da visão europeia e a descentralizou e você passa a ter visão de várias Áfricas que tem um conhecimento melhor para o aluno.(Professor nº4)<sup>44</sup>

13)Você acredita que houve muitas mudanças positivas depois dessa lei ?

Deve ter influenciado, não só a questão em sala de aula, mas também na vida social. Eu acho que deve ter porque a gente vê muito hoje em dias esta questão de respeito. Eu tive um problema no 3 ano B que eu achei engraçado, foi da questão da identidade, de você valorizar sua raça... e sempre esse assunto de literatura modernista, que abordei esse tema, eles foram aquém do que eu falei. Não gostaram porque a pessoa tem que se assumir quem é que diz que só a cultura eurocêntrica é a mais bonita, só é bonito se for loira Gisele Bündichem, Ana Maria Braga, Angélica... Então eu questionei isso em sala de aula. Eles do 3 ano tiveram uma reação da questão. “Ah, professora, a gente faz o que a gente quer, a gente tem que alisar o cabelo” cadê a falta de identidade? você que é negro, que tem um cabelo duro, que você passa ferro, passa produto porque você quer ficar com o cabelo liso. O cabelo liso é mais bonito que o cabelo cacheado. Então a cultura eurocêntrica que foi incutida na cabeça das pessoas. Nem o que as vezes eu digo a eles que pessoas politizadas elas não negam a sua raça elas se assumem, porque o cabelo é cacheado, cabelo crespo é uma forma de você reforçar sua cultura, a sua raça, fortalecer a sua raça. Isso que já surgiu

---

<sup>44</sup> Formada em Licenciatura em História e Especialização em História da África leciona as disciplinas de História e Sociologia tempo de atuação 30 anos e trabalha 40 horas.

em sala de aula, uma certa vez. Esses alunos do terceiro ano b eles ficaram assim, não aceitaram o que falei, acharam que não deveria ser assim, que não é bem isso negar a raça, que eles tem mesmo que alisar o cabelo, que bonito era cabelo liso. Foi uma discussão calorosa, quente em relação a isso, mas depois eles vão amadurecer, dei até exemplo de gente famoso que é jogador de futebol, ficam ricos a primeira coisa que fazem é pegar uma modelo loira, cabelo liso, olhos azuis como se fosse um troféu. Ai eu até questioneei, coloquei como exemplo que às vezes eles estão negado a sua raça como o Amaral, jogador que foi bastante criticado, Pelé com a Xuxa foi muito questionado: ser negro, rico, vou pegar uma loira que é o meu troféu, que eu vou sair exibindo com uma mulher belíssima ao meu lado. Quem é que falou que só a loira é bonita? Quem é que incutiu na cabeça? (Professor nº 1)<sup>45</sup>

Eu acho assim, que trabalhar com mentalidades é um tanto difícil. Você ainda encontra umas questões dentro dessa linha de preconceito, mas eu acho que tenha avançado bastante e eu acredito assim: a meninada, ou seja, os adolescentes de agora tem uma capacidade muito maior, até mesmo pela questão da própria informação que está vindo de todos os lados. Eles tem essa possibilidade maior de vivenciar isso e eu acredito que ela vem diminuindo em torno do entendimento e da relação que eles tem culturalmente, e que cada ser humano hoje, vamos dizer assim, ele é capaz de mostrar essa diversidade que é você. Parece que está muito em moda todo mundo quer ter o cabelo rastafári, todo mundo quer botar um lenço que é a questão da identidade nacional, identidade cultural, dessa identidade que pouco a pouco ela vai tomando corpo e permeando os diversos ângulos da sociedade. Isso para mim é positivo, porque a meninada hoje vê a gente tirar pela questão de apresentação de música, está sempre colocando esse interesse não só pelo resgate dessa negritude ,mas também quem nós somos que é a nossa identidade e vamos dizer assim que é. Eu diria, nós somos um povo miscigenado, uma capacidade muito grande de absorver a diversidade que existe ai. . (Professor nº12)

Nota-se na fala dos professores das disciplinas obrigatórias um conhecimento mais amplo do tema, e que de maneira isolada trabalham esta temática. Mesmo que já tenha feito projetos, no período da aplicação de questionário e entrevista não foi percebido nenhum projeto realizado sobre o tema

---

<sup>45</sup> Formada em Licenciatura em Letras leciona a disciplina de Língua Portuguesa e Redação trabalha 40 horas tem 21 anos de atuação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada em relação às mudanças e permanências no trato da diversidade racial a par da implementação da lei 10.639/2003 nas práticas pedagógicas dos docentes, no Colégio Estadual Ernesto Alves, apesar da maioria dos professores que responderam ao questionário afirmarem que conhecem a lei, os que mais trabalham essa lei são os professores das disciplinas de História, Literatura e Artes, de forma isolada, pois é percebido na fala de muitos professores que existem projetos que trabalham a questão racial, entretanto eles, na maioria das vezes, só trabalham no dia da Consciência Negra e basicamente com professores da área de Humanas e como foi bem salientado por uma professora de Geografia, são projetos que são trabalhados de forma isolada e que nem sempre enfatiza a lei. Com isso, nota-se a necessidade de que todas as questões aqui elencadas acerca das práticas pedagógicas dos docentes devam ser revistas, porque em sua grande maioria os educadores conhecem a lei, mas não sabem como trabalhá-la.

Assim, após a pesquisa de campo, aplicação de questionários a alunos e docentes e entrevistas com docentes é confirmada a importância de haver um esclarecimento dessa lei, principalmente para educadores das áreas exatas e das ciências da natureza. Muitos destas áreas negaram-se a fazer a entrevista porque, além de não conhecerem profundamente a lei, acreditavam que a mesma só contempla a área de Humanas. Desta forma é fundamental uma elucidação dessa lei para que possa diminuir esta lacuna que envolve essa temática por parte de alguns docentes.

No entanto, um ponto positivo percebido através dessa pesquisa foi que os alunos estão mais conscientes a respeito da valorização da sua raça, pois com base nas observações e aplicação de questionário a alunos, discentes e professores, nota-se que muitos educandos já aceitam o cabelo, mesmo que alguns tenham respondido que gostariam de passar por mudanças.

Outra questão a ser destacada é sobre a falta de documentos que caracterizem a identidade do alunado e também um PPP (Projeto Político Pedagógico) que deixe bem explícito esse trabalho de interdisciplinaridade a respeito da lei, como também foi bem enfatizado pela fala da professora de Geografia sobre a

necessidade de um plano anual que trabalhe a lei durante o ano letivo e contemple a todas as disciplinas.

Esta pesquisa foi de grande valia, pois foi possível conhecer essa lei de modo mais aprofundado, através da leitura de textos que discutem essa temática, além de ter visto na prática que ainda existem alguns assuntos a serem melhorados, por exemplo a questão da interdisciplinaridade que poderia envolver todas as disciplinas na discussão deste tema, para que com isto proporcione uma melhor compreensão e aplicabilidade desta lei no ambiente escolar.

Os dados coletados e comentados nesta pesquisa mostram a necessidade de que a cultura Afro-Brasileira torne-se conteúdo discutido nas escolas como componente curricular, trabalhado de forma transversal, contemplando todas as disciplinas. Além do mais, esta pesquisa não está pronta e acabada. É uma sugestão de pesquisa para quem tem interesse em trabalhar essa temática.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Tatiane; GUEDES, Elocir ; NUNES, Pâmela. **O uso da lei 10.639/03 em sala e aula.** Revista Latino- Americana de História.Rio Grande do Sul,vol.2,nº6 – agosto.2013 – Edição Especial.

APPIAH, Kwame A. Racisms. Em Goldberg, D. T. (Org.), Anatomy of racism. Minneapolis: University of Minnesota Press. (1990). Disponível em :<http://noticias.r7.com/educacao/noticias/analfabetismo-e-maior-entre-negros-e-pardos-aponta-ibge-20120629.html>

AZEVEDO, Eliane. **Raça Conceito e Preconceito.** 2. Ed. São Paulo:Ática,1990.

BRANDÃO, Maria Azevedo; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Jacobina: passado e futuro.** Jacobina: ACIJA,1993.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998. v.2 n

CAVALLERO, E. Do silêncio do lar ao silêncio escolar. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALLERO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

GARÇA, Rinísia Cristina. **Identidade Fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira.** Brasília:Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GERHARDT, Engel; TOLFO, Denise; SILVEIRA, Tatiana. **Métodos de pesquisa / [organizado por] ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.**

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**/ Antônio Carlos Gil. – 6. Ed. – 2. Reimpr. –São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLERO, E. Racismo e Anti-racismo na educação:repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Vol.2: Disponível em;<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5esRaciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>: Acesso em:05/06/16

IBGE; BAHIA. Secretaria da Fazenda. BAHIA. CEI – Centro de Estatística e Informações, Governo do Estado. Levantamento e sistematização de Antônio Ângelo Martins d Fonseca.

JACCOUD, Luciana & BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental**. Brasília: IPEA, 2002.

LAKATUS, E. M. e Marconi, M. A. (1990). **Fundamentos de Metodologia Científica**. 2ª ed. São Paulo: Atlas.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de Metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. MUNANGA, Kabengele, Org. Superando o Racismo na Escola, 2ª Edição Revisada/{Brasília}: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

M'BOW, M. Amadou Mahtar. Prefacio. IM. KI-ZERBO, Joseph (org) **História Geral da África, vol.1- metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

MUNANGA, Kabengele (2004). **“Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”**. In: \_\_\_\_\_. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, pp.15-34.

MUNANGA, Kabengele, Organizador, **Superando o Racismo na Escola**, 2ª Edição Revisada/Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PACHECO, Jairo Queiroz; Silva Maria Nilza(orgs.). **O negro na universidade: O direito a inclusão**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

PAIXAO, Marcelo. **A variável cor ou raça nos interior dos sistemas censitários brasileiros** :In **Raça: novas perspectivas antropológicas** / Lívio Sansone, Osmundo Araújo, Pinho (organizadores). - 2 ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008

PEREIRA, Eunice. **Desigualdades raciais na trajetória escolar de alunos negros do ensino médio** Zandona: Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/2poster/GT21-4566--Int.pdf>: Acesso em 07/08/16.

RODRIGUES, Fernando. **Racismo cordial. FOLHA DE S. PAULO/DATAFOLHA. Ra mncismo cordial. A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil**. São Paulo Ática, 1998. Disponível: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/.../0/Racismo/Texto\\_Racismo\\_1995.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/.../0/Racismo/Texto_Racismo_1995.pdf)  
Acesso em 10/11/16

SANT' ANA, Antônio Olímpio. **História e Conceitos Básicos sobre Racismo e seus Derivados**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Diego Junior da Silva, et.al. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar**. Dental Press J Orthod. Rio de Janeiro, pa.121-4 mai/jun 2010.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica/** Izequias Estevam dos Santos – 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2002.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes dos. **A lei 10.639/2003 e a importância de sua implementação na educação básica.** Secretaria de Educação Curitiba, 2010. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1409-8.pdf>. Acesso em 26/07/2017.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O Espetáculo das Raças.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Célia. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático.** Org. MUNANGA, Kabengele. In Superando o Racismo na Escola, 2ª Edição Revisada/Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Jr. Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.** Brasília: UNESCO, 2002.

SOUZA, JESUS, CRUZ. **História e Cultura Afro-brasileira na Escola: lei 10.639/03.** Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira. vol.7. Setembro 2012: disponível em: [http://fjav.com.br/revista/Downloads/edicao07/Historia\\_e\\_Cultura\\_AfroBrasileira\\_na\\_Escola.pdf](http://fjav.com.br/revista/Downloads/edicao07/Historia_e_Cultura_AfroBrasileira_na_Escola.pdf).> Acesso 12/05/2017.

TAVARES, Maurizélia de Barros Martins. **O ensino de História a Cultura Afro-Brasileira no Contexto Escolar.** Universidade Estadual da Paraíba. 2014. p.9



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

## **CARTA DE CESSÃO**

Pelo presente documento.....brasileira, estado civil).....(profissão).....carteira de identidade nº....., emitida por..... CPF nº....., residente e domiciliada em....., Município .....cede e transfere nesse ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Campus IV da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento prestado no dia ..... de ..... de 2016, perante o pesquisador .....

2 – Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3 – Fica, pois o Campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, Brasil e/ou no exterior. Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 01 (um) via.

[ assinatura do entrevistado (a) ]